

A GUERRA NÃO É INEVITÁVEL

AFIRMA O CAMPEÃO DA PAZ MUNDIAL

- 1 - A PAZ SERÁ CONSERVADA E CONSOLIDADA SE OS POVOS TOMAREM NAS MÃOS A CAUSA DA MANUTENÇÃO DA PAZ E SE A DEFENDEREM ATÉ O FIM.
- 2 - A ONU, CRIADA PARA SER UM BASTIÃO DA PAZ, TRANSFORMA-SE EM INSTRUMENTO DE GUERRA.
- 3 - AS DEZ NAÇÕES DO PACTO DO ATLÂNTICO E MAIS OS VINTE PAÍSES DA AMÉRICA LATINA CONSTITUEM O BLOCO AGRESSIVO DA ONU.
- 4 - SE NÃO ACEITAREM AS PROPOSTAS PACÍFICAS DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA OS INTERVENCIONISTAS SERÃO DERROTADOS NA CORÉIA.

ENTREVISTA DE STÁLIN À "PRAVDA"

PERGUNTA: — Que pensais da declaração do primeiro ministro Attlee, segundo a qual, após o fim da guerra, a União Soviética não se desmilitarizou, isto é, não desmobilizou seus exércitos, e que depois, a União Soviética tem aumentado continuamente seus efetivos?

RESPOSTA: — "Considero esta declaração do primeiro ministro Attlee como uma calúnia contra a União Soviética. O mundo inteiro sabe que a União Soviética desmobilizou seus exércitos após a guerra. É sabido que a desmobilização se fez em três etapas. A primeira e segunda, a partir de 1945, e a terceira, de maio a setembro de 1946. Em 1946 e 1947 foram desmobilizadas as antigas classes. Tais são os fatos conhecidos de todos. Se o primeiro ministro Attlee fosse competente em matéria econômica e financeira, ele teria facilmente compreendido que nenhum estado, nem mesmo a União Soviética, é capaz de desenvolver a indústria civil, começar grandes construções de estações hidro-elétricas sobre o Volga, o Dnieper e o Amú, que necessitam de dezenas de bilhões nas despesas orçamentárias, continuar uma política sistemática de baixa dos preços das mercadorias de consumo corrente, exigindo igualmente dezenas de bilhões nas despesas orçamentárias, inverter centenas de bilhões para a reconstrução da economia nacional, destruída pelos ocupantes alemães, e ao mesmo tempo multiplicar suas forças armadas e desenvolver a indústria de guerra. Não é difícil compreender que tal política impensada conduziria a um estado de falência. O primeiro ministro Attlee deveria saber, por sua própria experiência, assim como pela dos Estados Unidos, que o aumento das forças armadas de um país e a corrida aos armamentos levam ao desenvolvimento da indústria de guerra, à diminuição da produção civil, à interrupção das grandes construções civis, ao aumento dos impostos, dos preços das mercadorias de consumo corrente. E se, apesar de todos esses fatos e considerações científicas, Attlee pensa que é possível caluniar abertamente a União Soviética e sua política de paz, então não se pode explicar isso senão assim: ele pensa que caluniando a União Soviética pode justificar a corrida aos armamentos realizada atualmente na Inglaterra pelo governo trabalhista. Attlee recorreu à mentira, ao desejo de representar a política de paz da União Soviética como uma política agressiva, e a política agressiva da Inglaterra como uma política de paz, isso para enganar o povo inglês e para conduzi-lo a uma nova guerra mundial, organizada pelos melos dirigentes dos Estados Unidos. O primeiro ministro britânico se apresenta como um partidário da paz. Mas, se ele ama verdadeiramente a paz, por que recusou a proposta da União Soviética, feita às Nações Unidas, sobre a conclusão de um tratado de paz entre a Inglaterra, Estados Unidos, França e China? Se ele ama verdadeiramente a paz, por que recusou a proposta da União Soviética relativa à ação imediata de suspender a corrida aos armamentos e proibir as armas atômicas? Se ama verdadeiramente a paz por que persegue os partidários da paz, por que proibe seu congresso na Inglaterra? É claro que Attlee não pretende a manutenção da paz, mas o desencadeamento de nova guerra mundial".

PERGUNTA: — Que pensais da intervenção na Coréia? Como ela pode terminar?

RESPOSTA: — "Se a Inglaterra e os Estados Unidos rejeitarem definitivamente as propostas pacíficas do governo popular da China, a guerra na Coréia não pode terminar senão pela derrota dos intervencionistas".

PERGUNTA: — Os generais e oficiais anglo-americanos são inferiores aos generais e oficiais coreanos e chineses?

RESPOSTA: — "Eles não são inferiores. Os generais e oficiais anglo-americanos não são absolutamente inferiores aos oficiais de qualquer outra nação. Os soldados dos Estados Unidos e da Inglaterra, na guerra contra a Alemanha hitlerista e o Japão militarista, mostraram-se, como se sabe, nos seus melhores dias. Onde está a diferença? Ela reside no fato de que os soldados consideram a guerra contra a Coréia e a China como injusta, enquanto que consideravam a luta contra a Alemanha e o Japão como perfeitamente justa. O fato é que essa guerra é muito impopular entre os soldados americanos e ingleses. Com efeito, é difícil convencer os soldados de que a China, que não ameaça nem a Inglaterra nem os Estados Unidos, e à qual os Estados Unidos tomaram Formosa, é um agressor, enquanto que os Estados Unidos, que se apoderaram de Formosa e levaram suas tropas até as próprias fronteiras da China, estão se defendendo. É difícil convencer um soldado de que os Estados Unidos têm o direito de defender sua segurança em território da Coréia e nas fronteiras da China, enquanto que a China e a Coréia não têm o direito de defender sua segurança em seu próprio território, ou nas fronteiras de seu país. Daí decorre a impopularidade desta guerra entre os soldados anglo-americanos. É, pois, compreensível que gene-

rais e oficiais, os mais experimentados, possam sofrer derrotas e que os soldados considerem a guerra que lhes é imposta como profundamente impopular. Por esse motivo, eles cumprem suas obrigações sem fé nos fundamentos de sua missão e sem entusiasmo".

PERGUNTA: — Como considerais a decisão da ONU proclamando a República Popular da China como agressora?

RESPOSTA: — "Considero-a como uma decisão vergonhosa. Na verdade, é preciso haver perdido os últimos restos de consciência para afirmar que os Estados Unidos, tendo-se apoderado de território chinês — Formosa — e tendo invadido a Coréia até as fronteiras da China, constituem o campo da defesa, enquanto que a República Popular da China, que defende suas fronteiras e que tenta recuperar a ilha Formosa, assaltada pelos americanos, representa o agressor. A Organização das Nações Unidas, criada para ser um bastião da paz, transforma-se em instrumento de guerra, num meio para desencadear nova guerra mundial. O núcleo agressivo da ONU é representado por dez potências: os membros do pacto agressivo do Norte do Atlântico — Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, França, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Dinamarca, Noruega, Islândia — e pelos vinte países da América Latina — Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, São Domingos, Equador, Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. Os representantes desses países decidem atualmente na ONU da sorte da paz e da guerra. Foram eles que fizeram aprova-

pela ONU a decisão concernente à agressividade da República Popular da China. Fato característico dos métodos atuais da ONU, por exemplo, é o da pequena República Dominicana, que conta com menos de dois milhões de habitantes, ser representada no selo da ONU no mesmo pé de igualdade que a Índia, e ainda o de que a República Popular da China seja privada do direito de voto. Desta maneira, a ONU, que se transforma em instrumento de guerra, cessa ao mesmo tempo de ser uma organização em que as nações têm os mesmos direitos. Na realidade, a ONU, hoje em dia, é menos uma organização mundial do que uma organização para os norte-americanos, agindo a serviço dos agressores americanos. Não somente os Estados Unidos e o Canadá aspiram ao desencadeamento da guerra em qualquer parte da Europa ou da Ásia, mas esse caminho é igualmente seguido pelas vinte nações da América Latina, onde os latifundiários e comerciantes têm sede de guerra em qualquer parte da Europa, a fim de venderem aos países beligerantes mercadorias a preços exorbitantes, e ganharem, neste negócio, milhões. Não é misterio para ninguém que os vinte países da América Latina representam o mais unido e o mais obediente exército dos Estados Unidos no selo da ONU. A Organização das Nações Unidas empenha-se, deste modo, no caminho sem glória da Sociedade das Nações. Nisso ela quebra sua autoridade moral e se condena à desagregação".

PERGUNTA: — Considerais uma nova guerra mundial como inevitável?

RESPOSTA: — "Não, pelo menos atualmente, não se pode julgá-la inevitável. Evidentemente, nos Estados Unidos, na Inglaterra, bem como na França, existem forças agressivas que desejam nova guerra. Elas têm necessidade de uma guerra para aumentar seus lucros, para pilharem outros países. São os miliardários para quem a guerra é um negócio que traz enormes benefícios. Essas forças agressivas têm em suas mãos os governos reacioná-

rios e os dirigem. Mas, ao mesmo tempo, elas recebem seus próprios povos, que não querem uma nova guerra e desejam a paz. Eis porque essas forças agressivas se servem dos governos reacionários para enganar seus povos e lhes apresentam a nova guerra como uma guerra defensiva, e a política dos países amantes da liberdade como uma política agressiva. Eis porque elas têm medo de uma campanha em favor da defesa da paz, receiam que ela possa desmascarar as intenções agressivas dos governos reacionários. Foi por isso que elas fizeram fracassar as propostas da União Soviética relativas à conclusão de um tratado de paz, para a redução dos armamentos, para interdição da arma atômica, receando que a aceleração dessas propostas faça fracassar as medidas agressivas dos governos reacionários e torne inútil a corrida aos armamentos. Como terminará essa luta das forças agressivas e das forças da paz? A paz será conservada e consolidada se os povos tomarem nas suas mãos

a causa da manutenção da paz, e se eles a defenderem até o fim. A guerra não pode se tornar inevitável, a não ser que os instigadores de guerra cheguem a aprisionar as massas populares numa rede de mentiras e a enganá-las. É por isso que a vasta campanha em favor da manutenção da paz, como meio de desmascarar as maqui-

(Cont. na pág. 11)



STÁLIN, que ao falar à PRAVDA, apresentou um programa de paz para ser defendido por todos os povos

VOZ OPERÁRIA

nos 4 cantos do mundo

PORTO RICO

As autoridades norte-americanas, através de seus títeres no governo portorriquenho, condenaram o líder nacionalista Albizu Campos a 10 anos e 9 meses de prisão, sob acusação de "porte ilegal de armas e explosivos". Albizu Campos teve participação destacada na revolta de setembro do ano passado que visava liquidar a dominação dos Estados Unidos no país. Ainda será processado por sedição.

ESTADOS UNIDOS

7 mil operários em frigoríficos entraram em greve de protesto contra a medida de guerra de Truman congelando os salários enquanto os preços continuam a subir escandalosamente. O Sindicato desses trabalhadores convocou uma reunião para resolver sobre a greve para exigir aumento de salários.

ITALIA

Os empregados de três linhas de aviação da Itália entraram em greve em sinal de protesto contra a demissão de várias centenas de trabalhadores das respectivas companhias.

INGLATERRA

Uma greve de quase 20 mil portuários imobilizou 175 navios nos diversos portos do país. Nos portos de Londres, Manchester, Liverpool e Glasgow, os operários abandonaram o trabalho numa demonstração de solidariedade a 7 portuários processados pelo governo por terem dirigido o movimento grevista anterior. Somente em Londres, entraram em greve 7.000 homens.

URSS

Stalin foi eleito por unanimidade membro do Soviet Supremo da República Federada Socialista da Rússia, pela circunscrição eleitoral de Lenigrado.

ALEMANHA

As autoridades norte-americanas de ocupação puseram em liberdade até agora 18 altos ex-dirigentes nazistas, criminosos de guerra, condenados como tal. As autoridades ianques perdoaram 2 milhões e 500 mil outros nazistas acusados de crimes de guerra e contra a humanidade.

FRANÇA

Anuncia-se que passará por Paris, com destino ao Brasil, o conhecido colaborador de Hitler na construção de sua economia de guerra, Hjalmar Schacht, condenado como criminoso de guerra e posto em liberdade pelos americanos. Schacht, segundo se informa, foi convidado pelo governo de Vargas para conselheiro financeiro.

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável:
WALDIR DUARTE
Assinaturas:

Anual	Cr\$ 30,00
Semanal	15,00
N.º avulso	0,50
N.º atrasado	1,00

Av. Rio Branco, 257 — 17.º andar — salas 1711 e 1712 — Rio de Janeiro — D. Federal BRASIL

POLITICA MUNDIAL

Stalin infunde confiança na vitória das forças da paz

A entrevista concedida por Stálin à "Pravda", no dia 16 do corrente, continua a ser o centro das discussões políticas mundiais uma semana depois de sua divulgação. Isto não acontece por acaso. E' que Stalin falou no momento exato em que os povos, e particularmente os milhões de partidários ativos da paz em todo o mundo, anelavam pela palavra esclarecedora e alentadora do guia do proletariado mundial.

Stalin falou num momento de extrema gravidade da situação internacional, quando os agressores imperialistas norte-americanos e ingleses persistem em continuar sua intervenção armada na Coreia e estendê-la à China, justificando a ampliação da guerra com a vergonhosa decisão da ONU proclamando agressora a República Popular da China; quando os Estados Unidos decidem duplicar suas forças de ocupação na Alemanha ocidental e os traidores da classe operária da Inglaterra, Attlee e seu bando, não têm o menor pudor de se desmascarar como servos dos incendiários de guerra da camarilha de Truman, mobilizando novos contingentes para suas forças armadas e votando na ONU contra a solução pacífica do problema da Coreia; quando os imperialistas anglo-americanos soltam criminosos de guerra nazistas e japoneses e decidem rearmar o Japão, mantendo o território japonês sob ocupação indefinida das tropas ianques, que visam o domínio da Ásia.

Em face destes e de outros fatos de maior gravidade, as palavras de Stalin definem toda uma situação e mostram o seu desenvolvimento inevitável: alertam sobre o perigo da guerra, mas acentuando que a paz pode ser "conservada e consolidada se os povos tomarem nas mãos a causa da manutenção da paz e se eles a defenderem até o fim".

Desta forma, o grande chefe dos povos externa sua confiança em que as forças da paz, mais numerosas e potentes do que as dos provocadores de guerra, podem sair vitoriosas desde que intensifiquem seus esforços no sentido de defender a paz.

Os acontecimentos destes últimos anos têm demonstrado que as forças da agressão e da guerra podem ser derrotadas. Foi a gigantesca mobilização dos partidários da paz que impediu até agora a deflagração da terceira guerra tramada pelos imperialistas norte-americanos e seus apaniguados. Foi a ação efetiva dos defensores da paz em favor da proibição da arma atômica que lançou a condenação moral sobre essa odiosa máquina de guerra, impedindo que Truman e Mac Arthur a empregassem na sua intervenção contra o povo da Coreia e contra a China.

E', finalmente, a solidariedade internacional das forças da paz que impulsiona os milhares de heróicos voluntários chineses a se juntarem à seus irmãos coreanos, fazendo os carrascos ianques morder e pô da derrota nos seus designios expansionistas na Ásia.

A guerra na Coreia revelou claramente a fraqueza do campo imperialista e a potência do campo da paz, da democracia e do socialismo.

Hoje, ninguém tem mais qualquer dúvida de que os imperialistas não conseguirão seus objetivos na Coreia, porque, como afirmou Stalin: "Se a Inglaterra e os Estados Unidos rejeitarem definitivamente as propostas pacíficas do governo popular da China, a guerra na Coreia não pode terminar senão pela derrota dos intervencionistas".

Estas palavras do grande líder dos povos e campeão da paz infundem maior confiança na fortaleza invencível das forças da paz. Esta confiança, porém, não pode basear-se em qualquer "milagre". Ela exige ação revolucionária em favor da paz. Exige o desmascaramento sistemático de toda a trama guerreira dos criminosos incendiários do bando de Truman e seus acompanhantes. Eis por que Stalin afirma: "A guerra não pode tornar-se inevitável senão se os instigadores da guerra chegarem a apriacionar as massas populares num tecido de mentiras e enganarias. E' por isso que a vasta campanha em favor da manutenção da paz, como meio de desmascarar as maquinacões criminosas dos fautores de guerra, adquire hoje uma importância primordial".

Aí está uma tarefa sagrada dos partidários da paz em nosso país: impedir que os propagandistas da guerra consigam enraizar as suas mentiras anti-soviéticas e anti-comunistas no seio das massas para mais facilmente arrastá-las à agressão americana contra a Coreia ou qualquer outro país. Desvendar cada passo do governo de Vargas para a guerra imperialista, todas as manobras do Departamento de Estado para envolver-nos nas agressões de Wall Street, como a anunciada Conferência dos Chanceleres em Washinton ou a visita do espião Edward Miller a nosso país. E, finalmente, unir a mais ampla propaganda em defesa da paz à ações concretas contra a guerra, que será o meio mais eficiente de reforçar a frente da paz no Brasil e transformá-la num obstáculo invencível aos traficantes da guerra, derrotando-os ao mesmo tempo nos seus objetivos de escravização do nosso povo.

GUERRA INJUSTA, GUERRA IMPOPULAR

Recem-chegado dos Estados Unidos, onde permaneceu algum tempo em missão militar da ditadura de Dutra, o general Juvarez Távora, declarou textualmente à imprensa que o entrevistou no seu desembarque:

"E no caso da guerra da Coreia, os parlamentares (norte-americanos) estão recebendo centenas de cartas, semanalmente, de todas as correntes da população. Essas cartas, em sua quase totalidade, são de protesto contra o envio de tropas para a guerra na Coreia".

O sr. Távora é insuspeito para falar, pela própria missão que lhe foi confiada num momento em que os imperialistas ianques procuram arrastar o povo brasileiro às suas aventuras de guerra. E' conhecida também a posição do sr. Távora na questão do nosso petróleo, que ele acha deve ser entregue aos trustes norte-americanos, os

mesmos responsáveis e beneficiários da guerra na Coreia e dos preparativos de guerra mundial.

Assim, para que o sr. Távora dê o depoimento publicado pela "sadia" é porque a repulsa do povo americano à guerra constitui um movimento nacional, que abrange "todas as correntes da população". E significa que o povo americano não quer a guerra de Truman.

Stálin já afirmara na sua entrevista: "Os soldados (norte-americanos e ingleses) consideram a guerra contra a Coreia e a China como injusta... Os soldados consideram a guerra que lhes é imposta como profundamente impopular".

Daí os esforços cada vez mais desesperados do imperialismo ianque para recrutar soldados mercenários entre os povos da América Latina, para agressão infame de Wall Street contra a Coreia e a China. A nossa resposta deve ser ainda mais contundente que a do povo americano: Odiamos a guerra de Truman! Não iremos para a Coreia!

QUEM É HJALMAR SCHACHT

Hjalmar Schacht, que informações procedentes da Europa dizem estar de viagem para o Brasil, onde a convite do governo de Vargas viria "pôr em ordem" as finanças brasileiras, tornou-se tristemente famoso como íntimo colaborador de Hitler. Foi considerado pelos financistas burgueses o "mago" da economia alemã hitlerista, o homem que teria conseguido reerguer a Alemanha e transformá-la numa potência.

Que espécie de "milagre" realizará Schacht? Os fatos mostram que a potência alemã era fictícia, não tinha base, era uma armadura monstruosa instalada para a guerra e nada mais.

Tanto assim que Schacht foi considerado pelo Tribunal de Nuremberg como criminoso de guerra e como tal foi julgado.

Somente o apadrinhamento dos grupos imperialistas anglo-americanos conseguiu poupá-lo à força. Ficou provado que todos os seus esforços à frente das finanças alemãs foi para rearmar a Alemanha, fabricar mais canhões em vez de manteiga, explorando até a medula a força do trabalho do proletariado alemão.

E' esse monstro que o governo Vargas pretende importar para "reorganizar suas finanças". E a cogitação — realize-se ou não — indica que por trás da conspirata infame contra a nossa dignidade nacional está o dedo de Wall Street, dos banqueiros norte-americanos. Será por acaso que a notícia da vinda de Schacht coincide com a visita do agente do Departamento de Estado Miller ao Brasil?

Não. E tanto Miller como Schacht, que servem aos mesmos bandos de provocadores de guerra, merecem a repulsa mais enérgica de todos os patriotas brasileiros, que não querem canhões, mas manteiga. Que lutem por Pão, Terra, Liberdade e Paz.

O CAFÉ, ARMA DE DOMINAÇÃO COLONIAL DO BRASIL PELOS IMPERIALISTAS IANQUES

A corrida armamentista agrava a cada dia que passa a crise econômica em curso nos Estados Unidos. O que acontece com o café, principal produto da economia brasileira, é um exemplo típico dos efeitos desastrosos da crise americana sobre os países satélites. Por intermédio do café, os ianques obrigam nosso povo a financiar seu programa guerreiro e descarregam sobre os ombros das massas populares boa parte do peso da crise que mina sua economia. O tabelamento do café pelo governo Truman atinge em cheio centenas de milha-

res de famílias camponesas ligadas diretamente à produção cafeeira e que gemem sob o guante do latifúndio, bem como as massas de milhões de consumidores nas cidades.

15 MILHÕES DE DOLARES

Os grandes fazendeiros e os exportadores de café exigem um preço de 56,5 centavos de dólar por libra peso, enquanto os ianques estipularam um preço máximo de 55,5 cents, o que dá uma diferença, no total das compras, de 15 milhões de dólares em favor dos americanos e destinados ao financiamento do fabrico de armas para agredir a União Soviética.

Quem paga esses 15 milhões de dólares? E' claro que essa fortuna não será descontada dos

lucros dos fazendeiros e muito menos dos lucros das firmas americanas, que monopolizam o comércio do café. Esse dinheiro sai do suor dos camponeses, cuja exploração aumenta terrivelmente nas fazendas de café, e é pago pelos consumidores brasileiros através de sucessivos e escorchantes aumentos por um produto de pessima qualidade.

Nessas condições, se torna evidente que o café, longe de representar uma atividade capaz de eliminar as causas da pobreza e da miséria do povo, não passa de um instrumento de exploração e opressão imperialista.

No ano passado, os americanos promoveram uma alta temporá-

ria do café com o objetivo de salvar os senhores feudais da bancarrota, empurrar o país para a monocultura de um artigo de "boa vizinhança" e golpear a produção de artigos concorrentes aos americanos, como o caso do algodão em superprodução nos Estados Unidos. Além disso, aquele aumento se destinava a acumular os dólares necessários à exportação dos lucros das empresas ianques e ao pagamento do alarmante "deficit" da balança comercial e abrir as comportas para novas compras de artigos de luxo, automóveis, perfumes e bebidas finas para os senhores das classes dominantes. Nas fazendas, a exploração aumentou, foi

(Conclui na 9.ª página)

A PODEROSA CONTRIBUIÇÃO DE STALIN À LUTA DE LIBERTAÇÃO DE NOSSO POVO

Os povos, em todo o mundo, saúdam calorosamente a entrevista do generalíssimo Stalin concedida a 15 do corrente ao "Pravda", como nova contribuição histórica do grande líder dos trabalhadores e do socialismo à causa mundial da paz. Os povos de todo o mundo tornam-se ainda mais gratos ao grande Stalin pelo oportuno e irresponsável desmascaramento que fez das intrigas e dos manejos dos traficantes de guerra anglo-americanos, pela caracterização objetiva do bloco de governos agressivos que, sob o comando da camarilha totalitária de Truman, transformam a ONU num instrumento de guerra e da política de rapina do Imperialismo yanque. Os povos de todo o mundo, sedentos de paz, levantam mais alto suas melhores esperanças quando constata, através dos ensinamentos do mestre genial do proletariado, que a paz é ainda possível na condição de lutarem para defendê-la até o fim.

No caso particular de nosso povo, devemos saudar entusiasticamente a entrevista do grande Stalin como um novo estímulo às nossas lutas de libertação nacional e social. A entrevista de Stalin nos dá, especialmente a nós, comunistas, uma visão clara de nossas responsabilidades diante de toda a humanidade e a certeza de que a nossa luta pela realização das diretrizes do Manifesto de Agosto se funde com a luta de milhões e milhões de seres em todos os países em defesa da paz e contra o imperialismo, contando com o apoio decisivo do poderoso campo da paz, que tem à frente a gloriosa União Soviética.

Um dos pontos cardeais da entrevista de camarada Stalin está no desmascaramento irrefutável da maioria reacionária da ONU que, submetida ao comando e ao controle do governo dos Estados Unidos, transforma aquele organismo internacional "em um meio para desencadear nova guerra mundial". Este núcleo agressivo da ONU — nos diz Stalin — é formado pelos dez governos do Pacto do Atlântico Norte e pelos vinte países da América Latina, entre os quais figura com destaque, por seu servilismo ao patrão yanque, o governo reacionário do Brasil.

É evidente a participação ignominiosa da delegação do Brasil na ONU em todas as decisões ali tomadas para solapar a própria Carta da ONU, para impedir a colaboração entre as grandes potências e a solução pacífica dos problemas internacionais. Assim, contra a vontade de paz do povo brasileiro, a delegação brasileira tem defendido, desde o "direito" de intervenção armada do imperialismo yanque em qualquer país, como nos casos da Grécia e da agressão dos Estados Unidos na Coreia, até a rejeição de todas as propostas concretas para a garantia da paz, como as propostas soviéticas de controle e interdição das armas atômicas, de redução das forças armadas das principais potências, de desarmamento, de estabelecimento de um acordo de paz entre a União Soviética, os Estados Unidos, Inglaterra, França e China Popular. A delegação do Brasil na ONU comporta-se como um simples instrumento dos mais odiosos provocadores de guerra anglo-americanos, votando sistematicamente com o Departamento de Estado norte-americano contra a admissão naquele organismo do governo da República Popular da China, governo legítimo de 475 milhões de chineses e apoiando a vergonhosa declaração como "nação agressora" da China Popular, que se defende da agressão yanque contra o território chiúês de Formosa e contra suas fronteiras na Mandchúria.

Esta posição da delegação do Brasil na ONU reflete o grau de submissão crescente em que se encontram o governo e as classes dominantes do país diante dos assassinos e agres-

sores norte-americanos. Mas reflete, igualmente, o empenho dessas mesmas classes dominantes em contribuir para o desencadear de nova guerra. É que, como esclarece o camarada Stalin em sua entrevista, os latifundiários, industriais e grandes comerciantes do Brasil e demais países da América Latina "têm sede de guerra em qualquer parte da Europa, a fim de venderem aos países beligerantes mercadorias a preços exorbitantes, e ganhem, neste negócio, milhões". A imprensa dessas classes dominantes não deixa dúvida sobre o desejo desesperado que elas demonstram de fazer negócios à custa do derramamento de sangue dos povos, inclusive de nosso próprio povo, chegando ao cúmulo de se aventurar em críticas ao padrão imperialista quando este, premido pela força da opinião pública mundial e pelo crescimento das forças da paz se vê obrigado a qualquer recuo temporário nesta ou naquela frente da provocação guerreira. Como nos mostrou o último conflito mundial, a guerra é sempre uma saída desejada pelas classes dominantes dos países semi-coloniais da América Latina para levar os seus lucros, às expensas da fome e do sacrifício de nossos povos e das populações assoladas pela guerra. No último conflito, enquanto os industriais e grandes fazendeiros passaram a ter lucros astronômicos, nunca mais igualados, morriam na Itália os heróicos combatentes da FEB, eram torpedeados em nossos mares os bravos marinheiros e a classe operária e as massas suportavam ingentes sacrifícios.

Deste modo é que a luta pela paz em nosso país é, fundamentalmente, a luta contra a dominação feudal-burguesa, contra o Poder dessas classes que desejam a guerra e arrastam o país para a guerra, e contra o jugo imperialista yanque no qual elas se apoiam abertamente, para submeter o povo. Como já nos ensinava Stalin, comentando o discurso de Churchill em Fulton, a vitória da paz só é possível com a derrota dos instigadores de guerra. Assim, a nossa luta em defesa da paz se funde inseparavelmente com a luta de libertação nacional, com a luta pela Revolução Democrática Popular para tirar definitivamente o Brasil do campo da guerra e do imperialismo e colocá-lo no campo da paz e da democracia.

A maior contribuição que podemos dar à causa da paz é a realização no mais curto prazo das tarefas históricas traçadas no Manifesto de Prestes. Mas, para mais rápida realização dessas tarefas adquirem importância especial as tarefas específicas do movimento dos partidários da paz. É o próprio camarada Stalin quem ensina que "a guerra não pode se tornar inevitável senão se os instigadores de guerra chegarem a apressurar as massas populares numa rede de mentiras, e enganá-las. É por isso que a vasta campanha em favor da manutenção da paz, como meio de desvendar as maquinações criminosas dos autores de guerra, adquire hoje uma importância primordial".

A tarefa de desmascarar diante das massas a propaganda dos traficantes de guerra, de lutar contra a posição assumida pela delegação do Brasil na ONU, contra o envio de tropas ou qualquer outra ajuda aos agressores yanques na Coreia, pela denúncia do Tratado do Rio de Janeiro e contra a próxima conferência de Washington deve merecer, portanto, a atenção diária dos comunistas e de todos os patriotas e representa um dos mais importantes fatores para derrotar, em nosso país, as forças a serviço da guerra. E isto quer dizer que a própria campanha específica da paz é um dos fatores fundamentais de mobilização e organização das grandes massas populares para a luta pela derrubada da ditadura feudal-burguesa e pela conquista da Democracia Popular.

O período transcorrido de cento e três anos após a primeira edição do "Manifesto do Partido Comunista", período de gigantescos choques sociais, de guerras e revoluções, de profundas transformações históricas, assinala a marcha vitoriosa da doutrina revolucionária de Marx e Engels.

Armada com a teoria inventível da luta de classe, a vanguarda marxista do proletariado conduz irresistivelmente a classe operária no caminho da realização de sua missão histórica — a missão de sepultar a burguesia e o capitalismo, a tarefa sem igual na história humana de libertar-se com a condição de libertar todas as camadas laboriosas e oprimidas da população, acabando para sempre com todo o parasitismo, com a exploração do homem pelo homem.

A vitória do socialismo e inf-

103 anos depois do "Manifesto Comunista"

cio da construção do comunismo na URSS, a consolidação e avanço das democracias populares, o furacão revolucionário que liberta os povos asiáticos, o ascenso das forças da revolução em todo o mundo atestam a invencibilidade da ciência social marxista. O capitalismo mortalmente ferido, ao preparar e provocar por todos os meios uma guerra atômica de extermínio em massa da humanidade, reconhece a vitória mundial do comunismo. Porque demonstra contra sua própria vontade que já não é mais possível atacar o comunismo sem oprimir e atrair os povos, no âmbito nacional, sem conspirar contra toda a

espécie humana, no âmbito internacional.

O proletariado venceu essas batalhas guiado pelo Manifesto de Marx e Engels, "exposição completa, sistemática e ainda não superada" da doutrina marxista, como nos mostra Lenin. Pode-se dizer que, no correr desse século, os desvios, erros, traições e crimes contra o proletariado foram cometidos porque são desvios e traições à teoria revolucionária da luta de classes do Manifesto.

"A sociedade moderna divide-se cada vez mais em dois campos opostos, em duas classes inimigas: a burguesia e o

proletariado". Sobre essa luta irreconciliável ensina mais adiante o Manifesto: "Os operários triunfam às vezes; mas é um triunfo passageiro. O verdadeiro resultado de suas lutas não é o êxito imediato, mas sim a crescente solidariedade dos trabalhadores. Esta solidariedade é facilitada pelo crescimento dos meios de comunicação criados pela grande indústria e que permitem as relações entre operários de localidades diferentes. Ora, basta esse contacto para converter as

numerosas lutas locais, que têm sempre o mesmo aspecto, numa luta nacional, numa luta de classe. Mas toda luta de classe é uma luta política".

Esta perspectiva ampla e de longo alcance da unidade operária se forjando e temperando através da luta de classes é de um imenso valor teórico e prático para nós, comunistas brasileiros. Podemos comemorar o 103º aniversário do Manifesto imortal de Marx e Engels com honrada alegria revolucionária porque o Manifesto de Agosto de nosso grande Prestes recolocou nossa ação no seu verda-

(Conclui na 9.ª página)

Ferro em Brasa

O DISCURSO-PROGRAMA DE VARGAS

O discurso de Vargas no Maracanã é um marco na história da demagogia no Brasil.

Inicialmente, Getúlio convoca o povo para o aumento da produção para "frear" (e não baixar) o custo da vida. É isso possível de acordo com a estrutura arcaica de nossa economia, que estala por todos os lados? Uma rápida vista de olhos pelos principais setores da produção mostra exatamente o contrário.

No campo, Getúlio começa pela pecuária. Que medida toma para baratear o preço da carne? A medida mais negativa possível, que afeta diretamente a economia pecuária: a importação de carne da Argentina. Ora, no Brasil se encontra o quarto rebanho pecuário do mundo. Há carne em abundância no interior e escassez nas cidades. Por que? Por causa do monopólio dos frigoríficos anglo-americanos. Mas Getúlio a isso não se refere. Seu governo sujeito ao imperialismo e ao latifúndio, não mexeria nos frigoríficos. Então sai-se com a medida infeliz e demagógica que outra coisa não fará em resultado que agravar a crise da pecuária.

Vejam agora a produção agrícola. Com a política defendida por Vargas, é impossível aumentá-la? Esta ou se acha estagnada ou decai. Assim acontece com o algodão, o café, o cacau, etc. Em matéria de técnica agrícola somos um dos países mais atrasados do mundo. Cerca de dez milhões de homens do campo estão proibidos de trabalhar, porque o latifúndio não o permite. Disso Getúlio deve ter experiência em suas próprias fazendas. O problema do aumento da produção agrícola é o da abolição do sistema semi-feudal de posse da terra. Não há por onde sair. Mas Getúlio desconversa, defendendo a tese dos latifundiários e responsabilizando o clima pela miséria no campo. Só a entrega da terra a quem trabalha, e nenhum outro paliativo, pode resolver esse problema fundamental.

E a produção industrial? No próprio governo de traição nacional de Dutra, do qual o de Vargas em nada é diferente, aumentou a produção industrial. Mas ao aumento de produção industrial em nosso país, corresponde o aumento da dominação e penetração imperialista. E é justamente esta a palavra de ordem de Vargas: aumento da produção em função da maior penetração imperialista. São dos trustes as novas fábricas que têm surgido: no setor da metalurgia, da indústria química, da alimentar. Os trustes americanos aqui chegam para dominar o mercado, e o fazem. O mesmo acontece com as concessões de serviços públicos, dominadas pela Light, Bond and Share, etc.

Dentro desse quadro, como pode Getúlio "frear" o aumento do custo da vida? Durante 15 dias de governo de Vargas houve os aumentos de gêneros que se seguem: a gasolina passou de Cr\$ 1,84 para Cr\$ 1,87; as barcas passaram de Cr\$ 1,00 para Cr\$ 1,50; as lanchas de Cr\$ 2,50 para Cr\$ 2,80; os ônibus de Cr\$ 2,00 para Cr\$ 2,50; o querosene de Cr\$ 1,60 para Cr\$ 1,70. Seguiu-se logo depois o aumento Cr\$ 34,00 no preço da saca de açúcar, o que determinará o aumento no varejo. Onde estão as promessas de Vargas? Os fatos as contestam e destroem, mostrando que não passam de velhas artimanhas para enganar o povo.

Muitos outros aspectos tem o demagógico discurso de Vargas. Todos eles se desmascaram pelos fatos. E não há tese defendida nesse discurso que não conduza ao que ele chama "as provações de uma situação internacional inquietante". Mas alguma coisa fez Vargas pela paz? Não. Todo o trabalho de Vargas no campo interno e no internacional é pela sujeição aos imperialistas yanques e pela guerra. Sua delegação na ONU votou a cinica e vergonhosa declaração da China Popular como agressora. Mas não é isso só. As medidas econômicas preconizadas por Getúlio, todas elas conduzem à guerra. Basta que se olhe os cortes orçamentários astronômicos nas obras públicas, enquanto nem um arranhão sofrem os ministérios militares. Não passa de uma plataforma de reação, fome e guerra o discurso de Vargas no Maracanã.

AGUARDEM

em nova fase

A CLASSE OPERÁRIA

Diretor responsável:

MAURÍCIO GRABOIS

ACAO em defesa da PAZ

JORNADA MUNDIAL CONTRA O COLONIALISMO E A GUERRA

A 21 de corrente iniciou-se em todo o mundo a Jornada Mundial contra o Colonialismo, lançada pela Federação da Juventude Democrática.

Trata-se de um movimento de protesto contra a colonização dos povos pelos países imperialistas, e de solidariedade aos povos oprimidos das colônias e semicolônias, que lutam pela sua libertação nacional.

Sabe-se como vivem os povos dos países coloniais e semicoloniais: explorados há séculos pelos capitais internacionais, submetidos à fome ou à subnutrição, com suas riquezas naturais dominadas e roubadas pelos grandes trustes — norte-americanos, ingleses ou associados a estes — tendo seu desenvolvimento industrial entravado pelos mesmos monopolistas estrangeiros.

Em sua recente entrevista à "Pravda", Stalin denunciava como participantes do bloco agressivo da ONU, ao lado das potências do Pacto de guerra do Atlântico Norte, os 20 países da América Latina? Sabemos que é esta a realidade. Os representantes dos governos latino-americanos têm seguido invariável e servilmente os imperialistas ianques nas votações da ONU: pela invasão da Coreia, contra a solução pacífica da questão coreana, contra a proibição da arma atômica, declarando a China "nação agressora", quando são os Estados Unidos que ocupam a ilha chinesa de Formosa e bombar-

deiam a China continental. Seguem, assim, os representantes latino-americanos a política de guerra de Truman.

Por que isto acontece, quando os povos da América Latina amam a paz e odeiam a guerra norte-americana contra o mundo?

A resposta se encontra nos fatos: Porque os imperialistas norte-americanos dominam os países da América Latina. Dominam as fontes de petróleo da Venezuela, do México, do Perú, da América Central, dominam o salitre do Chile, dominam o trigo da Argentina e o café do Brasil. Em nosso próprio país impedem — como impediram durante décadas — que exploremos independentemente o nosso petróleo, a fim de nos vender seus combustíveis. Frigoríficos americanos monopolizam os nossos rebanhos de gado vacum, industrializam e exportam as melhores carnes a preços baixos, enquanto nós ficamos com os restos e por eles pagamos os olhos da cara.

Isto é colonialismo, é opressão estrangeira, é dominação imperialista.

Contra isto luta todo o nosso povo e, particularmente, a juventude tem motivos sobejos para repelir o colonialismo, exigir a expulsão dos exploradores ianques, fazendo da jornada contra o Colonialismo um dia de solidariedade continental, contra a guerra e o imperialismo.

VARGAS A SERVIÇO DA GUERRA E DO IMPERIALISMO

A Invasão pelos depredadores policiais do governo do sr. Getúlio Vargas, que efetuaram prisões de patriotas e partidários da paz, das sedes de duas organizações patrióticas em plena capital da República, caracteriza o novo governo como le-

gítima continuação da ditadura Dutra. A's vésperas da chegada do espião e incendiário de guerra Edward Miller, o sr. Vargas manda varejar as sedes de duas organizações populares — a Associação Feminina do Distrito Federal e a Liga de Defe-

sa das Liberdades Democráticas — patrocinadoras do grande comício em defesa da paz, que deverá realizar-se no dia 7 de março próximo.

Ao procurar mostrar serviço ao gauleiter de Truman para a América Latina, enveredando abertamente no caminho da provocação policial tão ao seu gosto e no atentado brutal e ostensivo à liberdade de organização, o sr. Getúlio Vargas e seu governo arrancam a máscara. Verifica-se através dos atos do governo que seu "escopo" não é a paz, pois teme e procura impedir, golpeando estupidamente duas prestigiosas organizações promotoras do comício da paz, que o povo carioca se manifeste em praça pública contra os incendiários de guerra, pela solução pacífica do conflito na Coreia e das divergências que fazem a paz pender por um fio.

Essa violência identifica aos olhos das massas o governo Vargas como partidário da guerra, como um governo a serviço dos incendiários de guerra, que conspira contra a paz e, portanto, pelo sacrifício das vidas de nossos jovens. O governo do sr. Getúlio Vargas não tardou em dar mais uma prova de que é o poder dos "latifundiários e comerciantes", que "têm sede de uma guerra em qualquer parte da Europa, a fim de venderem aos países beligerantes mercadorias a preços exorbitantes e ganhar, nesse negócio, milhões", como disse Stalin sobre os governos da América Latina.

A chegada de Miller, Getúlio Vargas quis mostrar-lhe que é tão submisso aos patrões ianques e tão brutal contra os partidários da paz como era Dutra, o que é um eloquente sinal do que será sua atuação na Conferência dos Chanceleres.

Fatos dessa natureza são um alerta aos patriotas para que intensifiquem a luta em defesa da paz, pela aplicação das resoluções do memorável Congresso de Varsóvia, para impedir a venda de nossos filhos aos abutres de Wall Street e arrancar nosso país do campo da guerra e do imperialismo.

OLGA BENÁRIO PRESTES, MODELO DE LUTADORA REVOLUCIONÁRIA

Lourdes Silva

A 12 de fevereiro transcorreu o aniversário de Olga Benário Prestes. Embora poucos entre nós a tenham conhecido, ela figura em nosso pensamento como a imagem de uma lutadora de tempos especiais e de esposa e mãe carinhosa.

Lembramos uma jovem de 16 anos, membro da Juventude Comunista Alemã, que se destaca entre seus companheiros pela coragem e arder revolucionário. Presa em 1928, aos 18 anos de idade, continua depois de posta em liberdade a luta contra a opressão, ajudando a fuga dos companheiros da prisão central de Berlim. E' então ferozmente perseguida pela polícia e sua cabeça posta a prêmio em cartazes afixados nas paredes de Berlim e de outras cidades alemãs.

Na Pátria do Socialismo, para onde foi a fim de aperfeiçoar sua capacitação política e particular da gigantesca experiência da edificação do socialismo, Olga conheceu Prestes, junto a quem trabalhou. Casou-se com o grande líder do povo brasileiro e, na qualidade de sua esposa e secretária é que veio para nossa Pátria, a fim de ajudar nossa luta de libertação nacional. Olga Benário Prestes, como dedicada militante comunista cujas qualidades de dirigente eram notáveis, sempre soube manter-se à altura da responsabilidade que assumiu. Nos dias negros que se seguiram ao esmagamento militar da gloriosa insurreição nacional-libertadora de 1935, toma uma atitude heroica por ocasião da prisão de Prestes. Protege com o seu corpo e corpo de Prestes, postando-se resolutamente na frente dos assassinos policiais de Getúlio, e somente dessa maneira pôde frustrar a ordem dada pelo bandido Filinto aos beaguins para matá-lo "acidentalmente". A' ela, pois, devemos imensa gratidão por ter preservado a vida de Prestes, a ela devemos o extraordinário fato de termos à frente de nossa luta nacional-libertadora, pela paz e pelo poder popular, o Cavaleiro da Esperança, genial dirigente que nos conduziu ao assalto das posições do latifúndio e do imperialismo no Brasil.

Mas se este foi o comportamento heroico de Olga ao enfrentar, no momento da prisão, beaguins armados de metralhadoras, igual foi a sua firmeza revolucionária durante todo o longo tempo de cárcere. Diante dos mais extenuantes interrogatórios, mantém-se inabalável e serena. E já estava no sétimo mês de gravidez. Dela nada arrancavam, como não podiam arrancar, e por isso, pelo ódio que sua firme posição deperta nos reacionários e principalmente para ferir Prestes no que ele tinha de mais sagrado, Getúlio a envia para os carrascos de Hitler lhe cortarem o pescoço. Foi para o campo de concentração de Ravensbrück. Ali nasceu sua filha. A firmeza de Olga transparece nas suas palavras. Quando depois de uma tremenda luta, d. Leocádia Prestes consegue arrancar a pequena Anita Leocádia das garras da Gestapo, Olga escreve a Prestes: "Diante de tais acontecimentos, fica-se na alternativa: ou deixar-se abater ou tornar-se dura. Eu, tú sabes que somente o segundo pode ser o meu caso. Para isso, felizmente fui ajudada pelo fato de que estou ainda em condições de distinguir entre o pouco significado do que representa uma criança em particular e os acontecimentos que interessam em geral a todo o universo." Sob o terror tremendo da Gestapo e a morte lenta no campo de concentração, é a lutadora de sempre: à aproximação de Berlim do Exército Soviético libertador de povos, ela lidera um levante anti-nazista de mais de 500 mulheres.

Olga Prestes deve ser o modelo de militante revolucionária para as mulheres comunistas. E será ligando-nos às massas femininas, colocando-nos à sua frente, levantando suas reivindicações e dando-lhes o conteúdo de luta de libertação que estas devem ter, estudando a teoria revolucionária do proletariado e ligando-a ao nosso trabalho político prático, assimilando e aplicando o Manifesto de Agosto do nosso grande camarada Prestes, — que nos colocaremos à altura das lutas que Olga Prestes travou contra o fascismo em ascensão. Com a mesma vontade férrea e inspiradas no seu exemplo de luta revolucionária, juremos impedir o monstruoso crime de mais uma guerra imperialista e expulsar de nosso solo sagrado os bandidos imperialistas norte-americanos que planejam derramar o sangue de nossos filhos e irmãos!

CHEGAM AMERICANOS A BASE DE VAL DE CANS

Simultaneamente com a visita do agente do Departamento de Estado Edward Miller ao nosso país e com os preparativos para a Conferência dos chanceleres americanos em Washington, fazem-se novos preparativos de guerra no Brasil.

Ainda há poucos dias, segundo denúncia procedente de Belem do Pará, uma comissão mista de elementos do governo Vargas e oficiais norte-americanos chegou à base militar de Val de Cans, visando adaptá-la para a guerra.

A comissão em apreço era composta pelo capitão de mar

e guerra Paulo Mario Cunha Rodrigues e o capitão de corveta Aniceto dos Santos, ambos brasileiros, e pelos oficiais norte-americanos Hubert B. Reec, George W. Scott, R. M. Renolds e Van Leer.

Informa-se que na referida base militar será construído um dique com capacidade para receber navios de guerra pesados.

Trata-se de uma ação concreta para a guerra dos imperialistas ianques contra o mundo, na qual Miller e companhia visam incluir nosso país. Uma ação de guerra e mais um ponto do território nacional que o governo de Vargas entrega aos Estados Unidos, acumpliciando-se assim com seus planos agressivos e expansionistas.



LIBERTAR ELISA BRANCO

Elisa Branco está no cárcere porque disse: OS SOLDADOS NOSSOS FILHOS NÃO IRÃO PARA A COREIA. Mas seu nome está no coração de todos os patriotas que conhecem sua história, nos lábios das mães e dos jovens. Foi condenada a quatro anos de prisão. É um exemplo de firmeza revolucionária e de amor à Paz. Temos o dever de libertá-la. Arrancar Elisa Branco das garras da reação é uma tarefa urgente que impõe luta e organização, organização e luta. Um poderoso movimento pela sua liberdade deve ser desencadeado. Contemos a história do seu ato destemido em defesa da vida, desfraldando uma faixa com aqueles dizeres, que se tornam uma legenda de ação e luta, num desfile militar em São Paulo, no 7 de setembro de 1950. Não faltará quem queira lutar pela sua liberdade. A classe operária e o povo, todos os patriotas e democratas quererão lutar pela sua liberdade. De nós, os partidários da paz de todo o Brasil, depende, pois, a liberdade da grande lutadora, cujo nome se faz uma bandeira.

A LUTA PELA APLICAÇÃO DO PONTO 7 DO PROGRAMA DA FDLN

PLATAFORMA de luta e ação imediata, o Programa da Frente Democrática de Libertação Nacional, reúne ao lado dos objetivos fundamentais da Revolução Democrática Popular, as reivindicações gerais e mais sentidas das grandes massas. No que diz respeito às reivindicações mais imediatas dos trabalhadores elas se encontram sintetizadas no Ponto sete, cuja aplicação nas lutas diárias em cada empresa, setor profissional, região ou Estado deve servir para organizar e unir rapidamente as fileiras da classe operária e educá-la revolucionariamente para a luta pela aplicação integral do Programa da F. D. L. N..

As reivindicações levantadas no Ponto Sete, visando O IMEDIATO MELHORAMENTO DAS CONDIÇÕES DE VIDA DAS MASSAS TRABALHADORAS, são:

1—Aumento geral de salários, inclusive do salário mínimo-familiar, que devem ser colocados no nível já atingido pelo custo da vida. Escala móvel de salários.

A média mensal dos salários, no Brasil, não ultrapassa de 700 cruzeiros. Mas o custo de vida já subiu de tal forma que as próprias estatísticas oficiais calculam ser necessário um mínimo de 5 mil cruzeiros mensais para a sustenta de uma



família de 7 membros em cidades como Rio e São Paulo.

O salário-mínimo, por outro lado, é ridículo: 480 cruzeiros na indústria, no Distrito Federal, onde só o aluguel de um quarto no subúrbio varia entre 300 e 500 cruzeiros.

Isto quer dizer que a grande maioria dos trabalhadores tem realmente salários de fome. Portanto, a luta por aumento geral de salário é uma necessidade sentida pelas grandes massas assalariadas e cabe aos comunistas dirigir corretamente essas lutas, mostrando aos trabalhadores, sem subestimar as lutas mais simples, que a forma mais eficiente e justa para lutar por melhores salários é a "greve".

O Ponto 7 aponta uma reivindicação nova na luta por aumento de salários: é a "escala móvel de salários", isto é, a imposição aos patrões de um contrato coletivo de trabalho pelo qual os salários sejam automaticamente aumentados à medida que se verifique um aumento geral nos preços dos

gêneros de consumo corrente. Mas, para que a classe operária possa impor aos patrões a "escala móvel de salários" necessita, através de suas próprias

lutas diárias, reforçar sua organização e unidade, constituir-se numa força capaz de obrigar os patrões a atender suas reivindicações.

2— SALÁRIO IGUAL PARA TRABALHO IGUAL, PARA HOMENS, MULHERES E MENORES — ABOLIÇÃO IMEDIATA DA ASSIDUIDADE DE CEM POR CENTO.

Os capitalistas intensificam a exploração das grandes massas trabalhadoras lançando mão dos métodos mais brutais. Um deles é o emprego cada vez mais numeroso do trabalho de mulheres e menores, os quais executam os mesmos serviços dos adultos em troca de salários mais baixos. Assim, os patrões não somente reduzem suas folhas de salários, sem prejuízo da produção, como mantêm sempre baixos os níveis dos salários dos adultos, pois na maioria dos serviços podem facilmente substituir os homens por mulheres e menores. A luta por salário igual para trabalho igual interessa, portanto, a todos os trabalhadores.

Outra forma cínica de exploração é a exigência da assiduidade cem por cento. O operário que por qualquer motivo falta a um dia de serviço — e muitas vezes por que chegou um minuto atrasado à fábrica! — perde o salário correspondente ao dia em que não trabalhou e aos domingos e feriados. Em muitas empresas chega a perder, ainda, as percentagens de aumento de salários conquistadas em duras lutas.

A exigência da assiduidade cem por cento é um roubo contra o qual podem e se devem erguer milhares de trabalhadores.

3— APOSENTADORIAS E PENSÕES QUE SATISFAÇAM AS NECESSIDADES VITAIS DOS TRABALHADORES E SUAS FAMÍLIAS E AJUDA AOS DESEMPREGADOS.

As aposentadorias e pensões dos trabalhadores impedidos de trabalhar — por invalidez permanente ou temporária ou por velhice — são mequinhas. Muitos aposentados dos Institutos e Calças recebem pensões de 100, 200 e 300 cruzeiros mensais. Regra geral as pensões não chegam sequer para a aquisição dos medicamentos necessários ao tratamento do trabalhador enfermo.

A luta por esta justa reivindicação pode mobilizar a milhares de trabalhadores que já não se encontram nas fábricas, mas que constituem um grande contingente; e deve mobilizar, igualmente, os trabalhadores válidos, pois todos eles se encontram na situação de viverem a depender das pensões ridículas dos Institutos e Cal-

xas, para os quais descontam uma percentagem de seus salários.

De importância igual é a luta contra o desemprego e pela ajuda aos desempregados. Já existe nas fileiras da classe operária, em nosso país, um número considerável de desempregados, permanentes ou temporários. Este número tende a crescer à medida que nossa economia fica cada vez mais dependente da economia de guerra dos Estados Unidos. Assim, a luta contra o desemprego e pela assistência aos desempregados é de fundamental importância para despertar a solidariedade da classe operária e sua combatividade, pois, sob o regime capitalista os empregados de hoje se encontram sob a constante ameaça do desemprego.

4— Democratização da Legislação Social, sua ampliação e extensão aos assalariados agrícolas. Assistência social custeada pelo patrão e pelo Estado. Fiscalização dos direitos dos trabalhadores, bem como a administração da assistência social entregue aos próprios trabalhadores por intermédio de seus Sindicatos.

A legislação do trabalho em vigor, mesmo reconhecendo formalmente alguns direitos dos trabalhadores, é uma legislação patronal. Ela abre sempre uma brecha para os patrões burlarem os direitos dos operários. Assim, por exemplo, estabelecendo o direito de férias permite que os patrões estabeleçam contratos de trabalho a curto prazo — seis e nove meses — dispensando-se deste modo do pagamento das férias. Permite a exigência da assiduidade, que liquida na prática com o direito ao repouso remunerado, etc. Lutar pela democratização da legislação social é, pois, lutar contra todas as medidas patronais que liquidem ou restrinjam os direitos conquistados pe-



los trabalhadores. E, ainda, lutar para estender esses direitos aos assalariados agrícolas que precisam ser organizados na luta por aumento de salários, pelo direito de férias pagas, ao repouso, ao seguro por acidente, e etc..

A democratização da legislação social, contudo, exige uma verdade de associação sindical, sem o que os trabalhadores não poderão fiscalizar eficientemente a aplicação das leis de acordo com os seus interesses e direitos.

5— Imediata melhoria da situação econômica dos soldados e marinheiros.

A luta pelas reivindicações precisa ser levantada também nos quartéis e nos navios, onde os soldados e marinheiros —



geralmente operários e camponeses fartados — não possuem nenhum direito, se encontram submetidos a uma disciplina fascista pelos generais e almirantes reacionários e ganham um soldo ridículo que não lhes permite prestar nenhuma ajuda à família. A luta pelas reivindicações nos quartéis e nos navios devem unir na mesma frente de luta os operários e soldados, os camponeses e marinheiros, vítimas dos mesmos exploradores de nosso povo.

LUTAR PARA ORGANIZAR, ORGANIZAR PARA LUTAR, ELEVANDO O NÍVEL DAS LUTAS DE MASSAS



O Ponto Sete, deve ser o fundamento para a organização de um programa de luta nas fábricas, nas usinas, nos navios e quartéis. Principalmente os comunistas têm o dever de, ligando-o às reivindicações mais sentidas em cada local de trabalho, fazer a massa sentir claramente a necessidade de lutar e se organizar para a sua concretização. Trata-se, portanto, de lutar pelas reivindicações do Ponto Sete, para organizar e unir as fileiras da classe operária e de aproveitar essa organização para novas lutas mais altas.

Mas para que os trabalhadores travem lutas mais altas não precisam somente de organização. Precisam compreender também que suas reivindicações só podem ser concretizadas com a aplicação integral do Programa da F.D.L.N., isto é, com a luta revolucionária vitoriosa pela Democracia Popular. Para que as massas cheguem a esta compreensão os comunistas têm de lhes mostrar em cada momento como a crescente submissão dos capitalistas e latifundiários ao imperialismo faz crescer a exploração das massas trabalhadoras e como a política de guerra seguida pelas classes dominantes traz a miséria e a ruína para a maioria do povo. E assim que os trabalhadores compreenderão mais facilmente a necessidade da luta contra a guerra e o imperialismo e, poderão dar um passo à frente com rapidez na luta revolucionária de libertação nacional, para colocar nosso país definitivamente no campo da paz e da democracia.

EXPERIÊNCIAS DO PC(BOLCHEVIQUE)

AS DEBILIDADES NA DIREÇÃO DO AUTODIDATISMO DOS MILITANTES

Quando se dá o caso de que o Comitê Urbano do Partido bolchevique na região de Mólotov, mais de 5.000 comunistas estudam pelo método autodidático a teoria marxista-leninista, é isto o que revolsa a situação de que dispõe o Comitê Urbano.

Na realidade, porém, a situação é muito diferente. Grande parte das organizações da base do Partido na cidade dedicam muito pouco estudo aos que estudam por si mesmos a doutrina marxista-leninista. Todo o trabalho de organização das atividades de auto-organização política se restringe aqui, sobretudo à nomeação de consultores. O Comitê Urbano Regional do Partido substituiu a significação desse importante setor da educação partidária. Não orientam e não organizam as atividades autodidáticas. Os problemas que dizem respeito à auto-organização política quase nunca são debatidos nas reuniões dos comitês do Partido.

A falta de um controle diário do estudo dos comunistas determinou que centenas de membros e de candidatos do Partido que haviam escolhido o método de trabalho isolado ainda não iniciassem seus estudos.

a vida na URSS

QUE REPRESENTAM OS SOVIETS NA VIDA DO POVO?

A PALAVRA "soviet" quer dizer literalmente, em russo, "conselho", no sentido em que a palavra conselho é o nome de assembleia de representantes. O aparecimento desta palavra na vida política da Rússia não data da Revolução Socialista de 1917, mas da revolução burguesa de 1906, que abalou os alicerces da Rússia czarista. Foi em 1906, durante as greves revolucionárias que abalaram a Rússia, que as massas revolucionárias russas criaram os primeiros Soviets de deputados operários, os quais reuniam representantes de todas as usinas e fábricas.

Os Soviets surgiram como organizações políticas de massas, bem precedentes na história. Dirigindo a ação popular, eles eram o germe do poder nascido da Revolução Socialista de Outubro de 1917. Constituíam o embrião do poder revolucionário que, depois de ter derrubado o regime czarista, instaurou o regime "soviético", isto é, o regime governamental formado pelos "conselhos" populares, que detêm o conjunto do poder político.

Na vida soviética, os Soviets são comparáveis a uma pirâmide imensa, tendo por base os Soviets locais dos deputados de trabalhadores, e por vértice o Soviet Supremo da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, órgão supremo do poder do Estado.

Os Soviets locais, que se encontram na base dessa pirâmide, são eleitos respectivamente nas vilas, cidades, regiões autônomas, regiões, territórios, isto é, nas diferentes divisões administrativas de cada República Soviética.

Os Soviets dos representantes dos trabalhadores têm por função dirigir a atividade dos órgãos administrativos que lhes são subordinados, garantindo o cumprimento das leis, mantendo a ordem, os direitos dos cidadãos, dirigindo a atividade econômica e cultural local. Acima deles, se encontram os Soviets Supremos das Repúblicas autônomas, das Repúblicas Federações e, finalmente, de toda a U. R. S. S.

O organismo superior que constitui o cimo da pirâmide é o Soviet Supremo da União Soviética, composto de duas câmaras iguais em direito: o Soviet da União e o Soviet das Nacionalidades, eleitos pelos cidadãos soviéticos através do sufrágio universal, igual e secreto.

Todas as eleições aos Soviets de deputados de trabalhadores, e dos Soviets das localidades rurais e das vilas, até o Soviet Supremo da U. R. S. S., se realizam pelo voto direto de todos os cidadãos, sem qualquer exclusão de raça, de cor, de origem social, de religião, de riqueza ou pobreza, como acontece nos Estados Unidos, por exemplo, onde milhões de pessoas são impedidas de votar devido às mais odiosas discriminações raciais e sociais, e no Brasil, onde milhões de analfabetos e os soldados não podem votar.

Os Soviets são na vida dos povos da União Soviética os órgãos do Poder do Estado, representando os trabalhadores e todo o povo.

J. Katchan
(Correspondência da "Pravda",
na região de Mólotov)

Muitos dirigentes do Partido, dos Soviets e dos órgãos de administração local evitam o estudo e não levam seus conhecimentos políticos, justificando-se por toda sorte de causas objetivas. No outono de ano passado os comunistas votaram, nas eleições, para nova composição do Bureau do Partido, no diretor da "Fábrica Ordjonikidze" camarada Zaozerkir. O atraso político dos eleitores foi o motivo principal da eleição de Zaozerkir.

O progresso não detém a sua marcha — afirmaram os militantes locais do Partido — a fábrica cresce, e seu diretor, Zaozerkir, dirige à maneira antiga, não melhora seus conhecimentos. O camarada Zaozerkir não deu importância à série e justa crítica que lhe foi feita. Contudo a não frequentar nenhum curso e não ler material algum. Os seus colaboradores mais próximos — o assistente do diretor de quadros, camarada Góntsov, e o engenheiro principal, camarada Marbo, seguem o seu exemplo.

O secretário do Comitê Urbano, o camarada Kirienko, o secretário do Comitê regional, camarada Ermakov, e outros, não manifestam melhor atitude em relação ao estudo.

Acha-se mal organizada a propaganda do marxismo-leninismo por meio de conferências. São poucas as conferências que se realizam, e mesmo estas atraem uma reduzida assistência. Não é prestada ajuda suficiente aos camaradas que tratam da sua auto-organização política, nem mesmo pelos assistentes.

Muitos assistentes destacados pelas organizações urbanas do Partido manifestam uma atitude formal em relação às suas obrigações, não ajudam os comunistas na elaboração de planos individuais de estudos e não lhes ensinam a maneira mais acertada e prática de organização. Raramente são feitas consultas individuais.

Não é preciso dizer que há na cidade muitos assistentes que cumprem bem suas tarefas. A experiência positiva de seus trabalhos não é, porém, generalizada pelos comitês do Partido.

Sabe-se que muitos dos próprios assistentes necessitam de ajuda teórica e metodológica. Os seminários assistentes continuam, entretanto, a trabalhar de maneira deficiente. O Comitê Regional do Partido em Ordjonikidze, por sua vez, não chegou a organizar nenhum seminário para assistentes.

Na cidade de Mólotov acha-se também baixado o papel dos gabinetes de estudo do Partido. O Comitê Urbano e os Comitês Regionais do Partido não se preocupam em tornar seu trabalho intenso e eficiente. Os gabinetes de estudo anexos aos comitês regionais de Ordjonikidze e de Kirov estão localizados em dependências diminutas e possuem pequenas bibliotecas. Não está em melhores condições o gabinete do Bureau Urbano do Partido — acha-se situado em salas destinadas, em parte, à guarda de arquivo e documentos.

O Comitê Urbano do Partido em Mólotov revela uma completa substituição da importância da educação marxista-leninista dos quadros.

6.000 NOVAS EMPRESAS NA URSS

QUATRO GRANDES USINAS são inauguradas diariamente

AS GIGANTESCAS OBRAS DE PAZ SÃO CONCLUÍDAS NUM TEMPO RÉCORD

O PLANO quinquenal stalinista de 1946 a 1950, destinado à reconstrução e ao desenvolvimento de economia soviética, previa um volume grandioso de trabalho. E, particularmente, a restauração completa da economia das regiões devastadas pelas hordas guerreiras de Hitler que invadiram a União Soviética em 1941.

Essas regiões produzem 45 por cento do trigo da URSS, 41 por cento do carvão, 60 por cento das betas, 60 por cento do ferro, 46 por cento do aço, 75 por cento do carvão, 70 por cento de alumínio, 20 por cento de cobre. As estradas de ferro, particularmente densas nessas regiões, constituem 40% da totalidade das vias férreas da URSS.

Nessas ricas regiões da União Soviética os vândalos hitleristas haviam destruído 1.710 cidades, 70 mil aldeias, 6 milhões de ca-

bricas, milhares de edifícios pertencentes às indústrias locais, às cooperativas coletivas (kolkhozes), às pequenas empresas de reparação e construção.

Em 4 anos, cerca de 6.000 novas empresas do Estado, mais do que o previsto no plano quinquenal, foram construídas e colocadas em funcionamento.

Durante esse período, diariamente eram inauguradas 4 empresas da União Soviética.

Nenhuma outra época viu jamais um ritmo semelhante de progresso. Os grandes trabalhos de construção não pararam durante a guerra. E, no entanto, as empresas in-

dustriais tinham sido construídas na URSS durante os 13 anos que precederam à agressão nazista.

Assim é que, de ano para ano, os diversos ramos de economia socialista se desenvolviam em proporção desconhecida mesmo nos mais avançados países capitalistas. Assim, a metalurgia aumentava 16 por cento em 1946 em relação a 1945, 31 por cento em 1948, e 14 por cento nos três primeiros trimestres de 1950 em relação a 1949. Em ritmo semelhante e mesmo mais acelerado se desenvolviam as construções mecânicas, os transportes, as construções de casas e sobretudo a construção de usinas elétricas, que só nos primeiros 8 meses de 1950 aumentou 34 por cento em relação a 1949, embora nesse ano o aumento já tivesse sido de 30% em relação a 1948.

Atualmente, a indústria soviética fabrica 70% de produtos civis mais do que antes da guerra. O desenvolvimento ulterior da economia nacional soviética será marcado por um novo surto de crescimento das recentes decisões do

Governo da URSS concernentes à construção de gigantes da técnica mundial: as centrais hidro-elétricas sobre os rios Volga, Dnieper e Amu-Dariá, os canais da Turcomênia, da Ucrânia e da Criméia. Estas obras gigantes serão concluídas num tempo recorde: de 5 a 7 anos. Foi necessário um espaço de tempo de 20 a 30 anos para construções de importância bem menor, tais como os canais de Panamá e Suez, por exemplo.

Os ritmos jamais iguais das construções na URSS se explicam pelo alto grau da técnica na indústria de construção, pelo emprego em grande escala de máquinas as mais perfeitas, pela existência de uma multidão de operários altamente qualificados e pelo seu inigualável entusiasmo num trabalho criador de própria libertação dos operários.

O número de operários e empregados na URSS é hoje superior em 22 por cento ao número existente antes da guerra, ou seja, 7 milhões a mais do que em 1940. Enquanto isso, nos Estados Unidos, mais da metade dos assalariados exerce funções não

produtivas e não participam da criação da renda nacional. Exemplo: existem mais de 5 milhões de domésticas nos Estados Unidos, isto é, mais do que os trabalhadores ocupados em todos os gêneros de transportes.

Numa entrevista concedida ao New York Times, a 15 de fevereiro de 1950, Truman, chefe do governo dos Estados Unidos, declarava que a cifra de 3 a 5 milhões de desempregados nos Estados Unidos — "é suportável". E acrescentava com o maior cinismo: "É uma boa coisa que a procura de trabalho seja permanente. Isto é saudável para a economia da Nação".

Na União Soviética, o que se considera saudável é que haja sempre trabalho para todos. Na URSS, o estimulante não é o espectro do amanhã sem pão, que obriga a aceitar qualquer trabalho, mesmo, os mais humilhantes, ou ser engajado como soldado nas fileiras dos agressores da Coreia; na URSS, ao contrário dos Estados Unidos e demais países capitalistas, e objetivo é a elevação constante do bem-estar dos trabalhadores.

Do "Manifesto" à História do Partido

Rui Facó



DOS CLASSICOS

A LUTA CONTRA A IDEOLOGIA PEQUENO-BURGUESA

J. Stálin

A HISTÓRIA do Partido nos ensina, além do mais, que o triunfo da revolução proletária é impossível sem o esmagamento dos partidos pequeno-burgueses que atuam dentro das fileiras da classe operária e empurram as camadas atrasadas desta para os braços da burguesia enfraquecendo com isto a unidade da classe operária.

A história do Partido é a história da luta contra os partidos pequeno-burgueses e de seu esmagamento: contra os social-revolucionários, mencheviques, anarquistas e nacionalistas. Sem vencer tais partidos e expulsá-los das fileiras do proletariado, não teria sido possível conseguir a unidade da classe operária; e, sem a unidade da classe operária, o triunfo da revolução proletária teria sido irrealizável.

Sem o esmagamento de tais partidos, que a princípio trabalhavam pela manutenção do capitalismo e, mais tarde, depois da Revolução de Outubro, pela restauração dele, teria sido impossível manter a ditadura do proletariado, derrotar a intervenção armada estrangeira e edificar o socialismo.

Nada tem de ocasional o fato de que todos os partidos pequeno-burgueses, os quais, para enganar o povo se batizaram com o nome de partidos "revolucionários" e "socialistas" — os social-revolucionários, os mencheviques, os anarquistas, os nacionalistas — passassem a ser partidos contra-revolucionários já antes da Revolução Socialista de Outubro, para se converterem mais tarde em agentes dos serviços de espionagem estrangeiros, em bando de espiões, sabotadores, agentes diversionistas, assassinos e traidores da pátria.

"Na época da revolução social, disse Lênin, a unidade do proletariado só pode ser realizada pelo Partido revolucionário avançado do marxismo e só pode ser realizada por meio da luta implacável contra todos os demais partidos".

(da "História do P. C. (b) da U. R. S. S.")

Completamente em 108 anos do curso de uma das obras mais humanizadas: o "Manifesto Comunista", de Lênin e Engels.

Gerações de operários em todos os países desse pequeno mundo que iluminou o caminho de sua libertação dos do capitalismo.

Desde a publicação, o "Manifesto" tornou-se o objetivo imediato dos grandes fundadores do socialismo científico e do proletariado próximo, isto é, da atual propriedade dos meios de produção, os quais diziam Marx e Engels em 1848.

Porque o "Manifesto" teve um efeito muito mais profundo: a ação revolucionária do proletariado com a simples organização da sociedade burguesa e o lançamento dos fatores da classe operária, os quais dos oprimidos sobre os exploradores.

Mas, se a revolução deveria ser para derrocar o capitalismo, ela necessitava de um poderoso que a movia revolucionária.

Marx escreveu mais tarde: "A teoria materialista da história e da apreensão da realidade".

E Engels, ao frisar que o socialismo não é uma ciência, isto é, está em desenvolvimento, acrescentava: "Marx considerava a vitória definitiva das ideias do 'Manifesto' um desenvolvimento da classe operária, e não o resultado de uma discussão".

Foi essa a ideia de "ação" (as lutas revolucionárias) e discussão (o aprofundamento da ciência) que levou o proletariado a maior e mais decisiva vitória política que conheceu a história da humanidade.

à tomada do Poder numa sexta parte do mundo.

Quem pode negar que o fator básico de seu triunfante triunfo histórico foi ter formado um Partido Comunista que soube unir a teoria e a ação revolucionária?

E' que, como em nenhum outro país, os fundadores do Partido Bolchevique — Lênin e Stálin — tinham sabido conduzir geralmente o proletariado russo pelo caminho do marxismo criador, unindo a ideologia socialista ao potencial revolucionário do proletariado.

Em contraposição o vigor revolucionário do proletariado da Alemanha, na mesma época, era desbaratado pela traição dos social-democratas, que tinham se afastado das fontes do marxismo e passado na prática às disposições do inimigo de classe.

Mas na Rússia não foi só o triunfo militar que o grande Partido Bolchevique pôde garantir uma vez armado com a teoria marxista-leninista. A força dinâmica dessa teoria resguardou a pureza revolucionária da pequena burguesia, que o bando de assassinos trotskistas-bucarinistas tentou inocular no Partido para destruí-lo e destruir a Revolução.

E o exemplo da Rússia não é o único exemplo digno de destaque. A verdade é que teria sido impossível a libertação do povo chinês — numa luta de mais de vinte anos contra inimigos os mais ferozes, como a ditadura feudal-burguesa da China e o imperialismo norte-americano — sem um poderoso Partido Comunista, sem um partido da classe operária orientado e dirigido pelo marxismo-leninismo-stalinismo. Também na China os traidores e agentes do inimigo tentaram dividir a vanguarda do proletariado para impedir a vitória da Revolução.

Mao Tsé-tung assinalava no trigésimo primeiro aniversário da Revolução Socialista Soviética que a vitória da Revolução chinesa foi o resultado de uma discussão e discussão profunda da ciência que levou o proletariado a maior e mais decisiva vitória política que conheceu a história da humanidade.

"Se se quer fazer a revolução, é indispensável ter-se um partido revolucionário, um partido de novo tipo, de que o Par-

tido de Lênin e Stálin constitui o modelo. Sem este partido revolucionário, sem um partido revolucionário organizado na base dos princípios de organização, dos princípios táticos e teóricos do marxismo-leninismo, e que tenha a sua rota iluminada pelas ideias inextinguíveis de Marx, Engels, Lênin e Stálin, é impossível dirigir com êxito a classe operária e as massas populares em geral contra o imperialismo e seus lacaios".

Pode-se negar, por acaso, a imensa contribuição ao proletariado mundial que foi o desmascaramento de camarilha de Tito como vendida ao imperialismo norte-americano e inimiga da U. R. S. S.? Como seria possível esse trabalho de saneamento do campo socialista sem o exemplo da luta pela preservação do internacionalismo proletário, pela fidelidade ao marxismo e, conseqüentemente, pela solidariedade ao berço do socialismo, a União Soviética?

Estes exemplos históricos nos ensinam que nós, comunistas, não podemos prescindir do estudo constante da teoria revolucionária se quisermos ser realmente comunistas. E' o que nos mostra toda a "História do Partido Comunista (bolchevique) da U. R. S. S.", e grande fonte onde encontramos a essência criadora e vivificadora do marxismo unido à ação prática revolucionária do proletariado e das grandes massas populares, e mais bela e instrutiva continuação do "Manifesto do Partido Comunista" de Marx e Engels. Uma linha reta que vem de Marx e Engels a Lênin e Stálin, liga o "Manifesto" à História do Partido Comunista (bolchevique) da U. R. S. S. — esta súpula prodigiosa de ensinamentos da teoria e da prática revolucionárias.

CONCURSO PARA RAINHA DA "VOZ OPERÁRIA"

VOTO EM
ESTADO
MUNICIPIO
PARTICIPE DA CAMPANHA DOS
CR\$ 550.000,00 para a VOZ OPERARIA

CONSTRUAMOS UM MOVIMENTO SINDICAL REVOLUCIONÁRIO EM NOSSA PÁTRIA

Etelvino Pinto

EM seu artigo de dezembro, em homenagem ao aniversário do camarada Stalin, campeão da paz e da luta de libertação nacional dos povos oprimidos, o camarada Prestes faz um apelo pela construção de um poderoso movimento sindical revolucionário, a fim de libertarmos nosso povo da exploração capitalista.

Para responder a essas perguntas não adianta procurar justificativas, como muitos querem fazer. Basta passar uma vista de olhos em nossas atividades na luta pela paz, na campanha do abono de natal, enfim na aplicação do manifesto de Agosto, para vermos que muito pouco avançamos. Pois, se rompemos com o oportunismo na orientação política, ainda não conseguimos o mesmo resultado em nossas atividades práticas e diárias, na organização dos trabalhadores para a luta, nem no aproveitamento da luta para organizar os trabalhadores.

Ainda são muito poucas as fábricas e empresas em que, de fato, existem organismos capazes de conduzir a massa à luta e conquistar vitórias. Ainda são muitos os casos em que esses organismos não existem porque os que se sentem responsáveis pela aplicação do Manifesto de Agosto pensam que essa aplicação é mecânica, pensam que basta ler o Manifesto e discutir-no sem estudar e conhecer nos menores detalhes as condições de vida da massa, os problemas que estão interessando a massa, o estado de espírito da massa. Daí resulta que surgem casos em que a luta estoura por cima da cabeça da vanguarda, que se atrasa em assumir o comando da luta. O que se tem observado é ainda uma grande substituição da importância política da solidariedade para a unidade e organização da classe operária, esquecendo mesmo que a solidariedade é uma arma poderosa para atrair novos contingentes à luta e para levar a organização de base da CTB e das Uniãoes Sindicais a setores inexplorados da produção. E' o que se pode dizer a respeito das duas heroicas greves dos operários da construção do hospital do IAPTEC em São Paulo, que inclusive reagiram valentemente à agressão policial em plena praça pública. Sua luta repercutiu em várias empresas da construção civil, mas nenhum proveito prático se tirou por falta de organizar a solidariedade, o que não assegurou a vitória da greve.

Ao estudarmos os problemas da massa devemos ter em vista organizá-la, levá-la à luta e reforçar a sua vanguarda. Isso o exige que estejamos constantemente voltados para a massa, para um trabalho paciente de organização de acordo com as condições de cada local de trabalho e não perdendo de vista as novas condições criadas no país, com o aprofundamento da luta de classe, ou aumento da reação e da exploração patronal. Cada comunista vale pelo trabalho realizado com as grande massas, na organização da vanguarda e na organiza-

ção do trabalho sindical na empresa. A respeito vejamos o que nos ensina Vylko Tchervenkov, secretário do CC do PC da Bulgária:

"Cada organismo de base do Partido deve criar o seu redos um amplo círculo de atividades sem partido e nele se apoiar para desenvolver seu trabalho. Um organismo do Partido que não mantenha estreito contato com o sem partido e não o incorpore ao exame e solução das questões sociais e da produção, não pode conquistar êxitos seguros em seu trabalho. Neste sentido têm grande importância as organizações sociais de massa e o trabalho dos comunistas dentro delas". ("Democracia Popular", n.º 10)".

E' claro que para nós, comunistas brasileiros, que nos encontramos ainda sob a exploração capitalista, a expressão "aumento de produção" tem um sentido diferente. O fundamental para nós é compreender que a seiva que alimenta o trabalho da vanguarda se encontra nas fábricas, nas empresas e nas fazendas.

Isso quer dizer que precisamos nos ligar estreitamente com os trabalhadores da cidade e do campo, discutir com eles os problemas e juntos com eles procurar as soluções justas através das lutas de massa, ligando-nos aos problemas centrais — defesa da paz e da liberdade, luta pelo pão e pela terra, pela democracia popular.

Para alcançar esse objetivo preciso também que cada comunista e cada organismo trabalhista e cada organização de atividade de cada um. E' assim que se torna possível estabelecer um controle sistemático das atividades individuais e coletivas, procurando eliminar as causas dos defeitos e construir uma vanguarda monolítica capaz de conduzir à vitória a Revolução Brasileira, tarefa que está na ordem do dia, como nos mostra o camarada Prestes, no Manifesto de Agosto.

SOLIDARIEDADE A PRESTES

Lanço pelas colunas da VOZ OPERARIA o meu protesto contra o processo com o imperialismo ianque e a reação brasileira visam a lider mais querido das Américas, Luis Carlos Prestes, e contra a ordem de prisão preventiva fascista contra ele decretada. Eu que assisti de perto, em meu pequeno Estado de Sergipe, os crimes contra a vida de Anísio Dário, que deixou na orfanidade onze filhos, e as torturas contra o jornalista Fragonard Carlos Borges, não tenho ilusão no governo de Getúlio. Para mim ele é o mesmo que foi responsável pelo atraso do Brasil e a miséria do povo durante 15 anos e que encarcerou e torturou até o extremo Prestes, Berger, Olga Prestes, Carlos Marighella e outros lutadores do bem-estar, do progresso e da libertação nacional do Brasil.

João Campos Araujo
(Maróim — Sergipe)

Voz das Fábricas

DESENCADRAR A LUTA NAS FABRICAS PELA DERRUBADA DO IMPOSTO SINDICAL

Em nenhuma outra ocasião se reuniram tantas condições favoráveis ao desencadear de lutas poderosas capazes de derrubar o imposto sindical. A' revolta dos trabalhadores contra esse roubo de um dia de salário instituído por Getúlio, o pai do imposto sindical, soma-se, agora, o descontentamento crescente, a desilusão que se transforma rapidamente em oposição e ódio de classe nas fábricas e empresas pelos aumentos consecutivos dos preços em lugar da diminuição do custo da vida. Marcha para um novo auge a luta pela liberdade sindical como prova a luta em aumento contra o infame e fascista "atestado de ideologia" e o repúdio aos peléjos ministerialistas engordados pelo dinheiro do imposto sindical. E reponta a ira sagrada dos trabalhadores ao ser divulgado o plano monstruoso de utilização do dinheiro extorquido aos operários sob a forma de imposto sindical para a compra de armamentos.

Todos esses fatos indicam com toda a clareza que só está faltando uma atuação mais corajosa e decidida dos comunistas à frente das grandes e decisivas concentrações operárias para que se desenvolvam poderosas ações capazes de abalar e derrubar o imposto sindical. Chegou o momento de um severo ajuste de contas. Getúlio prometeu reduzir o custo da vida, mas não diminui o custo de coisa nenhuma. Não é hora de, ao menos, deixar de cortar do já miserável orçamento dos trabalhadores o que ganham num dia de trabalho suado e mal pago? Getúlio agita a bandeira demagógica das "comissões de sindicância" no Branco do Brasil. Por que não se fala sequer numa prestação de contas do fundo social sindical, cujas verbas fabulosas estão depositadas em conta secreta nesse mesmo banco à ordem pessoal do próprio ministro do Trabalho? Getúlio preclama que seu "escôpo é a paz". Por que então está sendo preparado o golpe da compra de armas de guerra com o dinheiro arancado aos trabalhadores?

Está claro que a luta contra o imposto sindical pode e deve transformar-se, ao fogo das ações vivas e concretas dentro de cada fábrica, numa alavanca poderosa da unidade da classe operária pela base, empresa por empresa, setor por setor da produção, num centro importante da luta por aumento de salário e pela liberdade sindical, num fator muito sério da luta pela paz em que cabe à classe operária a honra e responsabilidade de força de vanguarda. E não há um minuto a perder. Porque o desconto do imposto infame começa agora, já na primeira quinzena de março.

S. PAULO

GREVE NAS OFICINAS DA LIGHT — 700 operários das oficinas da Light, no Cambuci, paralisam o trabalho na segunda-feira de Carnaval, durante 4 horas, reivindicando o direito de feriado nesse dia. Iniciado na seção de mecânica, o movimento estendeu-se às demais seções. O gringo Mr. Bennet, apoiado na polícia, tentou forçar a volta ao serviço mas não conseguiu intimidar os trabalhadores. Durante o resto do dia, a polícia continuou ocupando as oficinas.

GREVE NAS OFICINAS DA CIA. PAULISTA — Nas oficinas de Rio Claro, 900 ferroviários se declararam em greve de protesto durante 3 horas, no dia 3 de fevereiro. A administração concedeu aumento apenas aos "chefes" e "chefetes". Em algumas seções a paralisação foi total. A estrada enviou às pressas o integralista Pelagio Rodrigues com o objetivo de enganar os trabalhadores com promessas. Pelagio disse que ia vigorar um aumento a partir de 1 de fevereiro, sem dizer quanto. Na seção de carros metálicos os operários se retiraram à chegada de Pelagio. Voltaram ao trabalho dispostos a recorrer à greve novamente se o aumento for pouco ou se comprovarem que se trata de mais uma das mentiras de Pelagio.

SOLIDARIEDADE AOS TRABALHADORES URUGUAIOS — A União Geral dos Trabalhadores enviou ao embaixador do Uruguai um protesto contra as violências de que são vítimas os operários da textil "Alpargatas" daquele país, por lutarem contra a exploração dos patrões ingleses.

VITORIA NO LANIFICIO MINERVA — As operárias do Lanificio Minerva estão colhendo os frutos de sua greve no natal. Os patrões foram forçados a conceder um aumento de Cr\$ 0,50 por hora e começaram a pagar o aumento do dissídio de 48. Foi construído o poço artesiano exigido pelas operárias, pois não havia água na fábrica.

GREVE NA VOTORANTIM — Nessa fábrica de propriedade dos tubarões Horacio Lafer, ministro da Fazenda de Getúlio, e Hermirio de Moraes, foram vitoriosos dois movimentos grevistas, um contra a exigência das operárias trabalharem com 3 máquinas na seção de canteadeira e outra na seção de tecelagem, onde as operárias exigiram e obtiveram o fornecimento de 2 aventais por ano.

BAHIA

GREVE DOS MINEIROS — Os trabalhadores da mina de manganês do rio Onha, município de Sto. Antonio de Jesus, voltaram à greve exigindo o pagamento dos salários atrasados e das férias. As conquistas da greve do ano passado não foram respeitadas pela Cia. Minas do Brasil S.A, que ganha rios de dinheiro com a exportação de manganês para a máquina de guerra ianque. Espera-se que as minas vizinhas adiram à greve. Policiais embaldados ocupam as minas. Vários operários estão presos sob a acusação de "planos subversivos". O operário Sebastião Nunes denunciou a brutal exploração nas minas e desmascarou a farsa policial.

GREVE EM VALENÇA — Na segunda-feira de Carnaval os operários da fábrica Nossa Senhora do Amparo declararam-se em greve, recusando-se a trabalhar. Quando apareceu na fábrica, a maior tecelagem do Estado, o gerente Jesus Moral levou uma surra até ficar prostrado.

CEARA' UNIAO DE OPERARIOS E CAMPONESES — Em Sítios Novos, Municípios de Caucaia, foi vitoriosa a greve dos operários da Caeira pertencente à Eletrificadora Cearense S.A, pelo pagamento dos salários atrasados. Em represália, os patrões resolveram demitir os trabalhadores que participaram do movimento, sem indenização. A resposta foi a ocupação da Caeira pelos trabalhadores, no que são apoiados pelos camponeses dos quais 300 participaram de um comício lado a lado com os trabalhadores.

CAI A MASCARA "TRABALHISTA"

O GOVERNO VARGAS PRETENDE MANTER O ATESTADO DE IDEOLOGIA

- CONSIDERA OS SINDICATOS "ORGAO DO ESTADO", ISTO É, A SERVIÇO NAO DOS TRABALHADORES MAS DO GOVERNO DOS TUBARÕES E LATIFUNDIÁRIOS COMO LAFER, JAFET, SIMÕES FILHO, ETC.
- OS TRABALHADORES PODEM ELEGER "APENAS" DIRIGENTES SINDICAIS "AO GOSTO" DOS GOVERNANTES, DISSE O ANTIGO CHEFE DE POLÍCIA DANTON COELHO.
- UMA EXPERIÊNCIA PARA SER DISCUTIDA COM OS TRABALHADORES EM TÓDAS AS FABRICAS, A LUZ DE SUAS PRÓPRIAS REIVINDICAÇÕES E DA SITUAÇÃO DO SEU PRÓPRIO SINDICATO.

Constitui valiosa experiência de ensinamentos para todo o proletariado brasileiro a luta dos trabalhadores da Carris e dos garçons pela posse das diretorias sindicais, que elegeram por cima e contra o atestado de ideologia. Esta luta põe à prova diante dos olhos das massas o valor prático das promessas e das palavras do governo "trabalhista" de Getúlio Vargas, ensinando aos trabalhadores, através de sua própria experiência, que o PTB não passa de um partido burguês, de um aglomerado hostil e inimigo dos trabalhadores como todos os demais ajuntamentos políticos das classes dominantes.

UM "TRABALHISTA" A SERVIÇO DO ESTADO BURGUEZ

O ministro do Trabalho, sr. Danton Coelho, é um homem do PTB, o presidente do PTB, é um homem do peito e da confiança imediata e pessoal de Getúlio, é o unico "trabalhista" incluído no Ministério. Mas os fatos demonstram que se iludiram os que julgavam que, estando o Ministério do Trabalho nas mãos de um dirigente petebista, tinha soado a hora da liberdade sindical prometida por Vargas em seus discursos eleitorais.

CONTROLE PATRONAL DOS SINDICATOS

Encostado contra a parede pelas delegações dos trabalhadores em Carris e garçons do Rio de Janeiro, Danton Coelho não teve outro remédio senão deixar claro que o atestado infame será mantido, pois somente "serão empossados os elementos que nós (isto é, o governo, Getúlio, Danton, Lafer, Jaffet & Cia.) acharmos que não são comunistas". Na mesma entrevista, o sr. Coelho não permitiu nenhuma dúvida sobre a política sindical getulista, que não admite sejam os sindicatos órgãos independentes e livres da classe operária para a defesa de suas reivindicações, mas impõe que "os sindicatos são órgãos do Estado", isto é, controlados, dirigidos e orientados de acordo com os interes-

ses e planos do Estado feudal-burguês, do Estado dos patrões, dos banqueiros e latifundiários, dos lacaios do imperialismo americano.

Num Estado como esse em que o governo é presidido por um rico fazendeiro como Getúlio Vargas e composto de ricos exploradores dos operários como Jaffet, monopolista da indústria metalúrgica em São Paulo e testa de ferro da "United States Steel Corporation", como Lafer, um dos donos da Nitro-Química, onde os operários morrem dissolvidos nos tonéis de ácido, do campo de concentração da Votorantim, do feudo Klabin no Paraná; como Cleofas ligado pelo sangue e pelo dinheiro aos exploradores de operários e camponeses da Usina do Catende, um Estado desses com um governo de patrões é claro que só pode querer usar os sindicatos para as farsas mais miseráveis e vergonhosas contra os direitos dos trabalhadores.

PTB, PARTIDO BURGUEZ

Não há frases, nem belos discursos, nem bombásticas promessas capazes de esconder essa dura realidade, quando ela é posta em xeque pela própria experiência dos operários.

A ação das massas na defesa dos seus direitos não tarda em mostrar que esses ministros "trabalhistas" não são em nada diferentes dos seus companheiros "conservadores" e desmascara sua missão de agentes diversalistas do movimento operário.

A posição do sr. Danton Coelho revela à luz do dia o caráter de classe, o conteúdo burguês do P. T. B.

POLÍCIA, A ESCOLA DOS POLITICOS DA NAÇÃO

Esmagado pelas perguntas concretas dos trabalhadores ele procurou uma saída através da provocação policial, elogiando o fascista Tito, caluniando Prestes e os comunistas, inventando mentiras contra a União Soviética. E' o velho policial que mostra as garras. Danton Coelho apareceu com a enxurrada de 30 feito chefe de polícia da

Interventoria Valdomiro Lima, em São Paulo. Sua carreira política, como a da maioria dos políticos burgueses, começou na polícia, na escola do espancamento, da tortura, da selvagem repressão às lutas da classe operária. O sindicato "orgão do Estado" do sr. Danton Coelho é o sindicato policial-fascista de Hitler e Mussolini. No Ministério do Trabalho, quer comandar os sindicatos como um delegado de polícia através dos seus tiras, os peléjos ministerialistas criados por Getúlio e cevados com o imposto sindical.

GETULIO, CRIADOR DO ATESTADO

A verdade é que o atestado de ideologia é obra de Getúlio, que instituiu essa exigência infamante pelo decreto-lei n.º 1.420 de 1939, mais tarde reforçada pela Consolidação das Leis do Trabalho do mesmo Getúlio, quando era ministro do Trabalho o beberão Marcondes Filho, outro "procer trabalhista". Tudo isso demonstra que atrás de toda a sua demagogia, Getúlio pretende realmente governar de acordo com a carta fascista do Estado Novo, a famigerada "polaca" de 10 de novembro.

DISCUTIR ESTA EXPERIÊNCIA NAS FABRICAS

Todos os trabalhadores de vanguarda, os comunistas, têm o dever imediato de levar ao conhecimento dos trabalhadores de cada empresa a informação mais detalhada do que foi a entrevista de Danton Coelho com as comissões dos trabalhadores em Carris e garçons do Rio de Janeiro, discutir com eles a significação profunda das posições por ele tomadas à luz das reivindicações e das lutas na sua própria fábrica e da situação de seu próprio sindicato. O desmascaramento desses demagogos trabalhistas é uma das condições essenciais para forjar a unidade operária, suas organizações independentes e desencadear as lutas contra a exploração e a opressão capitalistas.

O CAFE' ARMA DE . . .

(Conclusão da 2.ª página)

mais rigorosamente proibido o plantio pelos camponeses de milho e feijão nas ruas dos cafeais, as lutas por melhor paga pelo trato de mil pés de café foram duramente reprimidas e o bandido Ademair criou a polícia rural, para a qual está sendo treinado até um corpo de paraquedistas com o fim de atacar, como numa guerra, os camponeses em luta contra a exploração feudal.

PEDEM DOLARES E A INTERVENÇÃO IANQUE

Os taturas e tubarões do café, através do governo de Getúlio Vargas, simulam resistência ao ato colonialista dos americanos. Mas Vargas, na realidade, limita-se a "manifestar nossa estranheza" e à atitude submissa de "pleitear o reexame do assunto". Os americanos já responderam que não houve violação alguma de qualquer

convenio anterior e revelam que o preço-teto foi estabelecido "em combinação com o governo brasileiro". A demagogia de Getúlio e Lafer sobre a "defesa da economia nacional" está desmascarada. Na realidade as classes dominantes pedem mais dolares pela sua traição.

"Mas para os senhores das classes dominantes — os grandes comerciantes e industriais, os banqueiros e latifundiários não há outra saída para os problemas brasileiros senão através da submissão crescente ao domínio americano e, QUANDO PEDEM DOLARES, PEDEM TAMBEM A INTERVENÇÃO ESTRANGEIRA NO PAIS..."

Somente o programa da FDLN dá uma solução justa ao problema do café, isto é uma solução de acordo com os interesses da massa camponesa e de todo nosso povo. Uma política de paz e amizade para com a

URSS e o campo socialista, a entrega da terra a quem a trabalha, a conquista de um governo democratico e popular através da luta pela paz e contra a carestia, contra os contratos escravagistas nas fazendas de café — eis a solução para impedir que o café continue sendo um instrumento de dominação americana através do qual os incendiários de guerra ianque arrancam as mais vergonhosas concessões das classes dominantes.



OS SITIANTES JAPONÊSES, VÍTIMAS DOS LATIFUNDIÁRIOS

1 - OS SITIANTES DA COLÔNIA ITAQUERA ENFRENTAM A DOMINAÇÃO BRUTAL DOS GRANDES FAZENDEIROS

2 - A ÚNICA SOLUÇÃO PARA OS SEUS GRAVES PROBLEMAS ESTÁ NO PONTO IV DO PROGRAMA DE PRESTES

A Colônia Itaquera, ou "colônia japonesa", como é mais conhecida a reunião de pequenos proprietários agrícolas localizados nas proximidades do suburbio de Itaquera, à margem da Central do Brasil, no Estado de São Paulo, oferece um exemplo concreto da justiça com que o Manifesto de Agosto e o Programa da Frente Democrática de Libertação Nacional colocam o problema da

terra em nosso país. Aqui, de maneira flagrante, verifica-se que não basta ao camponês possuir qualquer pedaço de terra: é preciso que a porção de terra por ele cultivada ofereça compensação econômica, em vez de ser anti-econômica. E que, portanto, é justo quando o Ponto 4 do Manifesto de Prestes reivindica em nome dos camponeses pobres:

"Confiscação das grandes pro-

priedades latifundiárias com todos os bens móveis e imóveis neles existentes, sem indenização, e imediata entrega gratuita da terra, máquinas, ferramentas, animais, veículos, etc., aos camponeses sem terra ou POSSUIDORES DE POUCA TERRA..."

NECESSIDADES ELEMENTARES

Os pequenos sítiantes da Colônia Itaquera vivem como todas as vítimas dos grandes proprietários territoriais. Sofrem também o monopólio dos grandes fazendeiros sobre a produção local, sobre o mercado, sobre os transportes.

Os sítiantes de Itaquera possuem geralmente menos de 2 alqueires de terra. Não podem, conseqüentemente, fazer cultivos variados, limitando-se à cultura de pecegos e uvas. Não podem modernizar seus métodos de produção, comprando um trator, mesmo pequeno. Mas não é só isso. Coisas as mais elementares dificultam a vida desses sítiantes e suas famílias. Eles se queixam atualmente da escassez de papel impermeável, com o qual resguardam os pecegos e as uvas ainda por colhêr, enquanto amadurecem, e a fim de evitar que sejam estragados pelos insetos ou pelos passaros.

A falta dos saquinhos de papel não decorre da sua não produção, mas do preço elevado a que chegaram. Além disso, os pequenos sítiantes os adquirem em quantidade relativamente reduzida, e por isso a Companhia Melhoramentos de Papel dá preferência às encomendas feitas pelos grandes fazendeiros, que são vultosas.

Mas não é este o único problema que enfrentam os pequenos sítiantes de Itaquera. Eles reclamam também o péssimo estado das estradas de rodagem, que nas chuvas ficam intransitáveis, dificultando o trânsito normal dos caminhões e, conseqüentemente, prejudicando o transporte de produtos que podem deteriorar-se rapidamente.

Reclamam também, com justiça, contra o pagamento de imposto de 5% de vendas e consignações que lhes é exigido e que grava ao mesmo tempo e pequeno sítiante e sua cooperativa.

Finalmente, para se ter uma idéia da situação em que vivem as famílias camponesas na Colônia Itaquera, basta saber-se que seus filhos não dispõem de uma escola agrícola, que é privilégio dos filhos dos grandes fazendeiros.

SOLUÇÃO AINDA REFORMISTA

No entanto, os camponeses da Colônia Itaquera ainda não encontraram o caminho justo para resolver suas dificuldades. Procuram fazê-lo por meio de medidas reformistas, que servem apenas para afastar obstáculos acidentais, enquanto outros se criam dia a dia.

Assim, os pequenos sítiantes pretendem libertar-se dos exploradores intermediários vendendo "diretamente" seus produtos. Mas na realidade se deparam sempre com novos intermediários, que impõem os preços dos produtos agrícolas.

Vários memoriais, telegramas e abaixo-assinados têm sido mandados ao Ministério da Agricultura, reclamando esta ou aquela medida em favor dos pequenos sítiantes. Mas nada de realmente efetivo tem sido feito em seu benefício. Com isto, eles vão perdendo as ilusões nas promessas dos homens do governo e reconhecendo na prática que estes são agentes diretos dos grandes latifundiários.

E assim vão se acumulando as dificuldades e piorando a vi-

VoZ dos Campos

● LATIFÚNDIO A SERVIÇO DA GUERRA E DOS AMERICANOS

É de grande importância e urgente necessidade explicar e discutir com as massas de milhões de camponeses como e porque a conferência de colonização e guerra dos chanceleres representa um perigo terrível voltado contra seus lares e contra seus direitos e reivindicações. Agora mesmo está no Brasil, conspirando com Getúlio Vargas e seus ministros, o gangster americano Miller e seus cúmplices Truelow e Adams. Esses americanos exigem a aplicação do tristemente famoso relatório Abbink. Esse plano lanque visa colocar nossa pátria, suas riquezas e seu povo à serviço da economia de guerra norte-americana. É contra a produção de artigos industriais no Brasil e exige que nos especializemos na produção agrícola, que fiquemos reduzidos à simples condição de produtores de matérias primas.

Que significa isso?

Significa o reforçamento do latifúndio, quer dizer a manutenção da exploração brutal nas fazendas, os contratos escorchantes, a humilhação e opressão sem limites das massas camponesas. Já estamos vendo o que acontece com os preços do café, que sobem mas a situação dos camponeses não melhora, ao contrário, piora.

Outro exemplo é o algodão, importante matéria prima para a indústria de guerra. Um jornal burguês e partidário da guerra, como a "Fôlha da Manhã", de São Paulo, é obrigado a reconhecer que "os proprietários das terras, com o sentido imediato do lucro, não prestam assistência mínima necessária à milhares de famílias que mourejam em suas fazendas. Morando em chocas de pau a pique, cobertas de sapé, os nossos trabalhadores do algodão vivem mergulhados no analfabetismo, sem assistência médica e sem o mais rudimentar conforto".

Essa é a situação que eles querem manter. É isso o que significa para os camponeses a política de guerra do governo.

Torna-se claro que a luta dos camponeses pela terra e contra a exploração tem que ser forçosamente uma luta pela paz, contra o domínio imperialista norte-americano em nossa pátria.

103 ANOS DEPOIS DO...

(Conclusão da 3.ª página)

convoca "a maioria esmagadora da nação" para a luta revolucionária, só pode fazê-lo porque é ao mesmo tempo um guia seguro e um apelo candente e vigoroso à luta de classes do proletariado, não faz a mínima concessão de princípios e não deixa a menor brecha às idéias podres e traiçoeiras que vêm do campo inimigo mascaradas de "paz social" e "conciliação de classes".

O êxito na luta pela organização da FDLN tem como condição básica e essencial a aplicação dos princípios do Manifesto Comunista, que já libertaram quase a metade da humanidade da opressão e do canibalismo capitalista e que hão de nos levar à vitória também em nossa pátria.

SOLIDARIEDADE QUE SE IMPÕE

A condenação de Elisa Branco e o tratamento que lhe é dado na prisão reflete o ódio dos traficantes de sangue humano e da sua justiça às pessoas que em número cada vez maior, se levantam contra a guerra.

Por que antes de condenar uma mãe extremosa partidária da Paz, esse juiz não perguntou qual a mãe que quer ver seus filhos morrerem na Coreia?

Isso vem demonstrar que estamos hoje num dilema. Quem luta pela Paz é preso e condenado e quem se declara favorável à guerra, como Juraci Magalhães, ou o brigadeiro Trompowsky, que achou que a bomba atômica devia ser jogada na Coreia, recebe recompensa, melhores empregos pagos com o dinheiro do povo. Tudo está muito claro. Nesse caminho — que o nosso povo há de impedir pela luta — os juizes das classes dominantes teriam de condenar a maior parte da nossa população. Nosso povo não quer a guerra, só falta lutar melhor contra a guerra.

É grande a nossa responsabilidade para libertar Elisa. Essa preocupação transformada em ação deve fazer parte de toda a nossa atividade de partidários da paz. Um amplo, movimento, desde os abaixo-assinados e as cartas até as passeatas de protesto, comícios, etc. exigindo a sua libertação arrancará Elisa das garras dos seus algozes. É com esse objetivo que devemos todos trabalhar. Não esquecer Elisa, falar em Elisa, apontar seu exemplo, apelar para a solidariedade a Elisa, porque ela é hoje uma bandeira de nossa grande luta.

AUGUSTO MARTINS
(São Paulo)

da dos pequenos sítiantes, que, não há dúvida, acabarão reconhecendo que o seu caminho está apontado no Manifesto de Agosto de Luiz Carlos Prestes e no Ponto 4 do Programa da Frente Democrática de Libertação Nacional.

Exemplo disso é o apoio que

começa a conter a imprensa popular na Colônia Itaquera, onde se iniciou um movimento de ajuda, que nos primeiros dias atingiu cerca de 500 cruzeiros, reconhecendo desta forma que esta imprensa está ajudando a levantar as bases do poder popular no Brasil, o qual libertará os camponeses, dando a terra quem a trabalha.

BAHIA

EXPLORAÇÃO MONSTRUOSA DOS TRABALHADORES DO AÇÚCAR

ALÉM DE PAGAR SALÁRIOS DE FOME, A S/A. MAGALHÃES, PRÁTICA OUTRAS FORMAS DE ESPOLIAÇÃO DOS ASSALARIADOS DE SUAS USINAS

"O Momento" denuncia, em reportagem, a exploração criminosa reinante nos feudos da Sociedade Anônima Magalhães, que monopoliza a produção de açúcar na Bahia, tendo como centro o município de Santo Amaro.

Pelo próprio relatório da firma, seus lucros nos barracões e açougues nos quais os trabalhadores são obrigados a se abastecer subiram, durante o ano passado, a mais de 600 contos: Cr\$ 136.543,00.

Além de ganharem 12 cruzeiros por dia, em média, os trabalhadores do açúcar raramente percebem salários em dinheiro. Quase sempre são pagos em "vales", que circulam em várias localidades da zona açucareira como se fossem cédulas do Tesouro Nacional, aceitas por toda a população. Só este fato mostra o grau de domínio e completo avassalamento que exercem os tubarões de Magalhães e companhia sobre as populações da zona de Santo Amaro e vizinhanças. Com tais "vales" os trabalhadores só podem comprar nas casas que vendem produtos de monopólio, nos armazéns e açougues popularmente denominados de "Cacete Armado" e onde todos os gêneros, além de serem de péssima qualidade, são vendidos muito mais caros do que no comércio comum.

São os próprios magnatas que confessam os lucros obtidos com esse ramo de exploração da bolsa do povo: mais de 600 mil cruzeiros líquidos arrancados dos salários miseráveis dos trabalhadores, que são assim duplamente explorados.

"ASSISTÊNCIA SOCIAL"

O relatório da Sociedade Anônima Magalhães chama esses lucros de "assistência social", afirmando textualmente que os serviços de assistência social "vêm melhorando continuamente", e referindo-se à construção de habitações rurais, "beneficiando apreciável contingente de trabalhadores".

Os trabalhadores da zona açucareira da Bahia sabem o quanto são mentirosas estas afirmações. Na realidade, não existe qualquer assistência social efetiva nas usinas de açúcar do odioso monopólio. As limitadas garantias e direitos assegurados aos trabalhadores só são respeitados quando estes lutam para torná-los reconhecidos pelos patrões, quando afirmados através de greves e outras formas de demonstração da unidade dos explorados em face do explorador. É o caso do direito às carteiras profissionais, ao pagamento das férias e indenizações, assegurado sómente depois de uma greve na qual se levantaram 2.400 trabalhadores da Usina São Carlos, na qual foram barbaramente assassinados os trabalhadores Cirilo Marques e Serafim dos Santos.

Aí está um exemplo da "assistência social" de Magalhães & Cia.

CASEBRES MISERÁVEIS

As chamadas "construções rurais" a que se referem os monopolistas do açúcar na Bahia não passam de uma chantagem. Os trabalhadores das usinas residem em casebres miseráveis, sem qualquer conforto, pelos quais pagam permanentemente 16 por cento de seus salários. São 16% de desconto não apenas por habitação, mas por família, pois muitas vezes uma dessas choupanas abriga duas e três famílias que vivem na maior promiscuidade. Em pouco tempo, a empresa tem recuperado o valor de um desses casebres, mas continua a exigir o seu pagamento pelos trabalhadores, transformando-os assim noutra fonte de exploração.

Entretanto, os trabalhadores dos feudos de Magalhães se apercebem cada vez mais da exploração de que são vítimas, através dos lucros monstruosos dos membros da Sociedade Anônima Magalhães, que aumentam de ano para ano, em todos os setores de suas atividades — desde a produção do açúcar até o comércio interno e de exportação. E lutam por aumento de salários, pelo pagamento das horas extraordinárias, como lutam pela libertação de seu companheiro Narciso Bispo de Araújo, presidente da organização dos trabalhadores das usinas de Santo Amaro, que se encontra preso há quase um ano.

COMO FAZER UMA REPORTAGEM DE CAMPO?

Antes de tudo, é necessário destacar que é muito pouco ainda o material sobre a vida no campo recebido por VOZ OPERÁRIA. A maioria dos Estados subestima ainda a importância do envio desse material. Ultimamente, quase que só publicamos fatos de S. Paulo e Paraná, os quais, é claro, refletem maior amadurecimento das lutas camponesas e seu entrelaçamento com as lutas da classe operária.

Mas isto não significa que os nossos correspondentes nos outros Estados, os nossos leitores, os agentes de VOZ deixem de remeter com regularidade correspondências para a nossa página do campo.

É necessário, por outro lado, melhorar a qualidade dessa correspondência. Isto não quer dizer que exijamos reportagens perfeitamente elaboradas: interessam-nos particularmente FATOS. Dados concretos sobre a vida dos assalariados dos agricultores, dos colonos, dos pequenos proprietários, cópias de contratos de arrendamento, quantidade das terras dos grandes latifundiários, a extensão de seu domínio e outros setores de atividade (indústria, comércio, bancos, suas ligações com empresas estrangeiras, as diversas formas de exploração usadas em suas fazendas, etc.).

Mas não basta. Devemos divulgar também toda luta que surja no campo, quer sejam simples reivindicações levantadas nesta ou naquela fazenda, greves ou as lutas mais avançadas pela posse da terra, que geralmente os próprios latifundiários e sua imprensa tratam de esconder para impedir que o exemplo de tais lutas se espalhe a outras regiões do país.

É igualmente importante generalizar as experiências — positivas ou negativas — de lutas passadas ainda não suficientemente estudadas, a fim de que essas experiências vão mostrar aos camponeses como devem dirigir seus esforços no sentido de conquistarem a posse da terra — a grande e geral reivindicação das massas camponesas empobrecidas.

Finalmente, cada leitor de VOZ OPERÁRIA, no campo, pode ser um correspondente do órgão do proletariado e, desta forma, ajudar a luta pela libertação dos trabalhadores das garras dos grandes latifundiários e capitalistas.

VIOLENCIAS POLICIAIS EM TAUBATÉ

O delegado regional de polícia Manuel Luiz Ribeiro, vulgo Manecão, é um espancador sem entranhas que um dia será julgado, como os demais pertencentes à sua laia, por um tribunal popular.

Há dias quando eu passava por um dos recantos de Lorena, verifiquei que uma pessoa, escondida por trás de uma touça de bambu, chamava-me aparentemente envergonhada e afoita. Aproximei-me com cautela e vi que aquela pessoa se encontrava em trajes menores. Indagando-lhe o que sucedera, relatou-me o pobre homem que estivera preso na cadeia de Taubaté. Na noite anterior àquele dia, fora com os companheiros de prisão colocado em um caminhão que se dirigiu rumo à estrada de rodagem. Ao passar a cidade de Guaratinguetá, mais ou menos no meio do caminho o carro parou. Dois dos soldados que os acompanhavam desceram, cada um com uma borracha na mão. Ele e seus companheiros foram despidos e deixados em cuecas. A medida que iam saindo do carro, os dois soldados espancadores, de borracha em punho, iam espancando um a um os prisioneiros. A brutalidade dos policiais era tal que um dos prisioneiros preferiu se arriscar a ser alvejado pelos covardes soldados e fugiu sob ameaças de morte. Depois de apanharem durante minutos a fio, os prisioneiros, semi-nús e muito machucados, foram abandonados no meio da estrada.

Eis aí, sr. redator, como age a polícia de Ademar Garcez, os dois maiores responsáveis pelos crimes do delegado regional Manuel Luiz Ribeiro, vulgo Manecão.

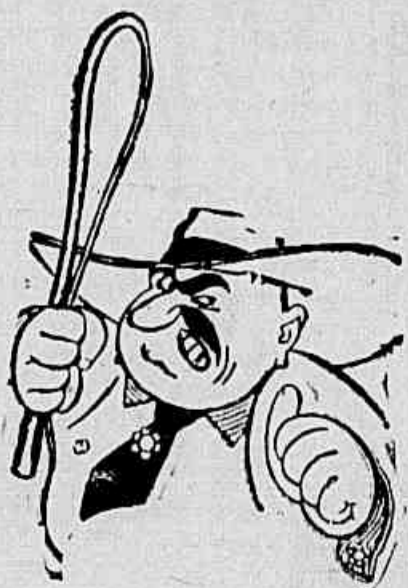
Claudio Sampaio
(Lorena — S. Paulo)

ATENTADOS A LIBERDADE DE IMPRENSA

Quando distribuía a VOZ OPERÁRIA e a "Tribuna Gaúcha", na Vila Jardim, em Porto Alegre, foi preso o trabalhador Romão Leal Pacheco. Resistindo à arbitrariedade, aquele patriota foi arrastado pelas ruas pelos beaguins de Ernesto Dornelles, que, como feras se lançam no momento contra os jornais populares no Rio Grande.

Sucedem-se as prisões dos funcionários dos jornais fiéis ao povo. Desesperados com o prestígio da imprensa popular, que está aumentando, a polícia fascista de Dornelles assalta diariamente os "stands" onde são expostos os jornais independentes, rouba o produto da venda dos jornais dos proprietários dos "stands", ameaçando-os e prendendo-os. Ai está a espécie de liberdade que reina no Rio Grande sob o regime de Getúlio-Ernesto Dornelles.

(Porto-Alegre)



VOZ dos LEITORES

CRIMINOSO DESCASO PELA VIDA DOS FERROVIÁRIOS DA REDE MINEIRA

A Rede Mineira de Viação acha-se numa situação em que os passageiros temem viajar. Os trilhos estão apoiados em dormentes pódres e todos desprezados. Não passa uma semana que na Rede não aconteçam dois ou três descarrilamentos. Muitos pais de famílias numerosas têm perdido a vida no serviço de locomotivas.

Em fins de novembro, por exemplo, foi vítima de um descarrilamento em Divinópolis, cidade onde está situada uma das maiores oficinas da R. M. V., o maquinista José Carlos Gomes, que morreu esmagado debaixo do tender da máquina 518, deixando três filhinhos, com menos de seis anos de idade o mais velho.

No dia 30 de novembro, às 14 horas, José Carlos Gomes esperava a chegada do noturno que vinha do sul de Minas, para sair com a 518 na mesma linha, bitola de 1 metro, com destino a Emídio Campos, localidade a uns 20 km. de Divinópolis. Como todos sabem, os trilhos não estão pregados. Com a passagem de noturno sul-mineiro, a linha abriu. José Carlos Gomes, que arrastava uma grande composição para transportar gado viajava com a 518 a pouca velocidade. Quando entrava no subúrbio da cidade, a máquina começou a cambalear. O seu companheiro foguita pulou fora, mas José Carlos aplicava todos os meios para que a máquina não tombasse. Na Rede, entretanto, tem um regulamento que diz que o maquinista só pode sair da máquina morto. E José Carlos Gomes saiu aos pedaços de debaixo da máquina. Assim perdeu a vida mais um

operário. A responsabilidade de sua morte cabe aos Milton Campos e Juscelino Kubitschek, a todos governantes traidores que têm desprezo pela vida dos trabalhadores.

As máquinas dos trens de gado na Rede são as maiores e mais pesadas que a Rede possui. Como as linhas não são suficientes para essas máquinas, as mortes do pessoal que nelas trabalha se sucedem. De fins de 48 até 50, mais cinco ferroviários morreram nas condições do maquinista da 518. Isto acontece porque há quinze anos que os dormentes não são mudados e os trilhos estão todos gastos. Em vez dos assassinos Milton Campos e Juscelino Kubitschek mandarem material para conservação da estrada, e que mandam é um batalhão de polícia para massacrar os ferroviários, como acontece em Divinópolis, onde há mais de duzentos soldados sob o comando do capitão fascista José Geraldo, conhecido espancador de operários, comandante de criminoso empastelamento do "Jornal do Povo", de Belo Horizonte.

Fatos como estes e a farsa dos Inquéritos que a direção da Rede manda abrir, enquanto as viúvas e órfãos das vítimas de desastres passam fome, servem para mostrar aos operários e camponeses que eles não têm outro caminho a seguir senão o apontado no Manifesto de Agosto de Luiz Carlos Prestes e a luta pela execução do Programa da Frente Democrática de Libertação Nacional.

ANDRADE MOREIRA
(Minas Gerais)

DEMAGOGIA DESMASCARADA

Nas proximidades das eleições, o Prefeito para fazer demagogia eleitoral, colocou canos de ferro fundido de três polegadas nas ruas da Vila Gastão Duarte, para abastecimento de água.

Terminadas as eleições, nada mais foi feito. Ficou assim inutilmente enterrado o dinheiro do povo de Pelotas.

É muito sério o problema da água na Vila Gastão Duarte, assim como em outras vilas deste município, onde moram os trabalhadores e suas famílias. Na vila existem apenas uma bica e duas torneiras por onde saem fracos jorros de água. As dez horas da noite não corre mais nada. Vêm-se então homens, mulheres e crianças, muitos dos quais trabalharam todo o dia, voltando para casa com os barris vazios, depois de terem esperado horas e horas por um pouco de água numa enorme fila.

É assim que o governo municipal de Pelotas, governo de tubarões e estancieiros, trata o povo! Agora mesmo, pretendendo-o tapeá-lo, o Prefeito Joaquim Duval, mandou construir uma praça de esportes para as crianças da Vila. Mas a praça é inútil. Melhor seria que o Prefeito tratasse de resolver o premente problema da água, evitando que mulheres e crianças, como animais de carga, andassem carregando pelas ruas pesados barris, quando é possível conseguir o precioso líquido. As classes dominantes, entretanto, já não têm capacidade de resolver nenhum problema.

A. F. COSTA
(Pelotas)

OS JOVENS DE BATATAIS NÃO QUEREM SER CARNE PARA CANHÃO

NOS PRIMEIROS dias de Janeiro, três Municípios da Alta Mogiana — Ribeirão Preto, Batatais e Franca — foram declarados "Zona Tributária" para o serviço militar, querendo isto dizer que os tiros de guerra não mais funcionarão e que os jovens em idade militar deveriam seguir para casernas distantes. O movimento de revolta foi geral, tanto entre os jovens convocados, como no seio de suas famílias e de toda a população. Uns e outros viam nisso uma terrível ameaça: todos logo compreenderam estar diante de uma medida de guerra. Afastados os jovens de suas famílias, mais fácil seria depois enviá-los como bucha de canhão para a Coreia. E a população de Batatais pôs-se em movimento contra essa medida. Os mais ativos partidários da paz lançaram-se à tarefa de dar corpo aos justos anseios de paz dos moradores do município.

Em poucos dias, mais de mil assinaturas foram recolhidas em Batatais e nas fazendas contra o envio de brasileiros para a guerra. O povo aceitava as listas com visível contentamento. Enquanto isto, outra lista recolhida rapidamente cerca de 800 assinaturas e era entregue às autoridades locais, ao mesmo tempo que o trabalho prosseguia. Tratava-se da exigência de que o tiro de guerra fosse reaberto e os jovens fizessem o serviço militar all mesmo em Batatais; o abaixo-assinado prosseguia responsabilizando as autoridades pelo que acontecesse aos jovens convocados, caso a exigência de reabertura do tiro de guerra não fosse satisfeita e os moços fossem mandados servir longe dali.

Diante de tão vigoroso movimento em defesa da paz, tremaram de medo as autoridades municipais e o famigerado delegado Barbanti, delegado regional da Alta Mogiana, que logo imaginaram e levaram à prática um desmoralizado "plano subversivo", que nada mais era que uma tentativa de isolar os comunistas quebrando assim a alma do

movimento contra a guerra e contra a convocação dos jovens. Isto feito, o delegado Barbanti seguiu de Ribeirão Preto para Batatais acompanhado de dezenas de "tiras" e de 40 praças da Força Pública, armados até os dentes.

Chegaram em Batatais com grande alarido. Os soldados tomavam posição de combate nas ruas armados espalhafatosamente metralhadoras, tudo debaixo dos gritos apopléticos de um capitão do Exército que se conservou incógnito e que veio especialmente de São Paulo para isso. Em seguida começaram a realizar prisões de patriotas na rua, no trabalho, em casa, em toda parte.

A população de Batatais, longe de intimidar-se, indignou-se com a brutalidade das prisões e a farsa que se montava, logo compreendendo que o seu objetivo era quebrar a resistência popular à partida dos jovens. As mulheres se mobilizaram então rapidamente em comissões e tomaram a frente do movimento pró-libertação dos presos. Enquanto uns percorriam as casas dos moradores, alertando-os, outros se dirigiam ao Juiz exigindo a imediata libertação dos presos. Acompanhadas dos filhos, as mulheres dos presos participavam dessas comissões ativamente, do que resultou a rápida mobilização da opinião pública contra a convocação policial, desmascarando-a. Diante da pressão popular, os presos foram soltos no mesmo dia.

Esses fatos nada mais representam do que uma série de acontecimentos na frente de luta pela paz, que empolga a população de Batatais desde os primeiros dias de 1951. A revolta dos jovens pode ser bem calculada pelo movimento de recusa do fazer o serviço militar: dezenas de jovens, em número que aumenta, estão partindo para outros Municípios a fim de se livrarem da convocação, mostrando com grande força que nosso povo não quer a guerra e luta pela paz.

VOZ OPERÁRIA
precisa de sua ajuda
Contribua
com o que puder



A GUERRA NÃO É INEVITÁVEL

(Conclusão da 1.ª página)
nações criminosas dos autores de guerra, adquire hoje uma importância primordial. No que concerne à União Soviética, ela continuará inflexivelmente a realizar uma política tendente a evitar a guerra e a manter a paz".

vida de VOZ OPERÁRIA

Damos abaixo os resultados de um ligeiro balanço da emulação entre as Sucursais, sendo que a de Porto Alegre passou para o primeiro lugar, em virtude da continuidade da tarefa de consolidação do nível de circulação que alcançou, isto é, 80 por cento do nível previsto para a edição do aniversário de Prestes. Esse foi o maior nível alcançado até agora, num trabalho continuado e progressivo, por qualquer das nossas Sucursais. A Sucursal de São Paulo diminuiu o seu nível de produção em 11 por cento; Fortaleza aumentou em cerca de 20 por cento sua cota do 83 para o 88 e Recife baixou em 45 por cento o seu nível de produção. São Paulo e Fortaleza continuam a lutar com as mais sérias dificuldades com a crise no mercado do papel, o que de certo modo tem impedido maior desenvolvimento das suas atividades.

NÍVEL DE DIFUSÃO

No Distrito Federal a VOZ tem uma circulação uns 30 por cento superior que a de São Paulo; Porto Alegre difunde 2 vezes mais que Fortaleza; Fortaleza tem uma circulação 18,5 por cento maior que Recife, e Niterói vende 40 por cento mais que Salvador. A Circulação total do Distrito Federal é 15 por cento apenas menor que toda a circulação das capitais acima.

A fim de orientar melhor os nossos agentes de bairro e empresa do Distrito Federal e de São Paulo, envolvidos no desafio publicado no nosso número 91, publicamos a seguir alguns dados comparativos dos níveis de circulação da VOZ nos setores respectivos: A agência da Lapa no Distrito Federal vende 40 por cento mais que a de São Paulo; Penha, no Distrito Federal vende quase 10 vezes mais que, de S. Paulo; Bonsucesso vende 150 mais que o bairro do Ipiranga de S. Paulo, e São Cristóvão vende 2 vezes mais que o de Belém em São Paulo. A agência da Light do Rio vende 40 por cento mais que as agências da Light e a CMTC de São Paulo; no Porto de Santos vende-se cerca de 20 por cento mais que entre os portuários do Rio.

AUMENTO DA COTA

São Paulo — Amparo aumentou sua cota em 50 por cento. Araçatuba em 100 por cento, Birigui em 25 por cento e Baurú em 50 por cento, colocando-se em condições de consolidação a cota, concorrem aos prêmios da nossa emulação.

RESTABELECIMENTO DE AGÊNCIA

Foi restabelecida a nossa agência em Americana, Estado de São Paulo.

NOVAS AGÊNCIAS

São Paulo — Graça, e Leopoldina, em Minsá Gerais.

ENCALHES

Foram registrados nas seguintes agências do Distrito Federal: Madureira 3 vezes a quan-

ESTADOS UNIDOS -- O MAIS AGRESSIVO PAÍS DO MUNDO

1901 — COLOMBIA — Em abril, os fuzileiros do navio ianque "Machias" desembarcam em Boca del Toro. A façanha se repete em novembro no Panamá e em Colón, onde os intervencionistas permanecem até dezembro, com o pretexto de "proteger as ferrovias durante a guerra civil".

1902 — COLOMBIA — Guardas-marinhas do navio "Machias" desembarcam em Puerto Cortés, ficando durante quase um ano em território colombiano, mais uma vez sob o pretexto de garantir o tráfego da ferrovia do Canal.

1903 — HONDURAS — O navio de guerra norte-americano "Marieta" desembarca um destacamento de guardas-marinhas, alegando necessidade de "proteger o consulado norte-americano durante a revolta popular". Outro navio, o "Olimpie", também desembarca um contingente de fuzileiros para "proteger o cais".

1903-1904 — COLOMBIA — Revolta popular no Estado de Panamá. A história provou sobejamente que essa revolta foi provocada pelos norte-americanos com o objetivo de estabelecer o controle dos Estados Unidos sobre o Canal do Panamá. São conhecidos os incidentes da época. Posteriormente, o carrasco imperialista Teodoro Roosevelt afirmaria com o maior cinismo: "Eu me apoderei do Canal". Para conseguí-lo, violou todas as leis internacionais e mostrou os dentes do imperialismo ianque.

1904 — REPUBLICA DOMINICANA — Fuzileiros navais ianques do navio "Columbia" desembarcam na cidade de Santo Domingo com o pretexto de proteger o vice-consul alemão, ameaçado pelos revoltosos. Em janeiro e fevereiro, uma grande força naval ianque, composta de 4 unidades de guerra, efetuou um desembarque em Puerto Plata e Souza, canhoneando a população local.

1904 — PANAMA' — O almirante Goodrich ordena que um batalhão de fuzileiros avance desde a zona do Canal até Aacon, para "manter a ordem" durante a revolta do general Huertas. As tropas ocupam a cidade e permanecem nela durante uma semana.

1906 — CUBA — Intervenção militar norte-americana. As tropas intervencionistas permanecem em território cubano até 1907.

1907 — HONDURAS — Em março, fuzileiros navais do navio de guerra "Marieta" desembarcam com o pretexto de pôr fim ao conflito armado entre Nicaragua e Honduras. O navio ianque "Paducab" também desembarca tropas norte-americanas.

1910 — NICARAGUA — O navio ianque "Bufalo" desembarca uma força "de reconhecimento" em Corinto, no mês de fevereiro. Em maio, dois navios de guerra, o "Paducab" e

tim, Avaré, Guaratinguetá, Altair, Franca, Icem, Assim, Cruzeiro, Porto Feliz e Bauru.

GERÊNCIA

As agências abaixo devem regularizar a sua situação com a gerência da VOZ, até o fim do mês a fim de evitar uma possível interrupção nas remessas de jornais: Magi-Mi-

VOZ OPERÁRIA, em seu número 90, publicou, em resumo, uma página sobre as agressões militares norte-americanas aos países da América Latina. Aquela relação, porém, dizia respeito apenas ao século passado. Neste século, embora lançando mão de novas táticas para implantar o domínio dos grandes monopólios de Wall Street sobre o nosso Continente, os invasores da Coréia realizaram também dezenas de outras intervenções e atos hostis aos povos latino-americanos, visando sempre transformá-los em colônias do dólar.

Aqui estão assinaladas as principais ações de guerra dos Estados Unidos contra os nossos países, as quais vale a pena recordar num momento em que os hipócritas de Washington falam de "interesses comuns" entre os Estados Unidos e a América Latina, quando os objetivos dos povos latinos e a América Latina, quando os objetivos dos povos latino-americanos são antagônicos àqueles que defendem Truman e seu bando; enquanto os nossos inimigos visam escravizar-nos, os nossos povos se batem pela sua libertação nacional, enquanto eles preparam a guerra, lutamos pela paz; enquanto eles marcham para o fascismo, nós combatemos pela vitória de governos democráticos populares que nos libertem do atraso e da miséria, impedindo a repetição de atentados como estes contra a nossa dignidade.

o "Dubuque" efetuam outro desembarque norte-americano em Bluefield. Em julho, o "Dubuque" ameaça apresar navios nicaraguenses e abre fogo contra a população local. Pretexto: os motins revolucionários incitados pelo próprio Departamento de Estado de Washington.

1910 — HONDURAS — Em janeiro e fevereiro, destacamentos armados norte-americanos do navio "Tacoma" e do "Marieta" ocupam Puerto Cortés, sob o pretexto de preservar "interesses dos Estados Unidos". As tropas ianques permanecem ocupando esse território até 1911.

1912 — HONDURAS — Em fevereiro, o navio ianque "Petrel" desembarca um destacamento armado, para "impedir a ocupação pelo governo de uma estrada de ferro pertencente a uma empresa norte-americana".

1912 — CUBA — Em maio, desembarca uma força militar ianque em Guatamanca, ocupando quase todo o vale. Outro desembarque se efetua em Nipo. Outro em Daiquiri. Todos sob o pretexto de "proteger interesses dos Estados Unidos durante os distúrbios que se produziram ao levantar-se em armas o Partido Independente de Cór, que lutava contra a opressão aos homens de cór implantada pelos racistas norte-americanos.

1912-1925 — NICARAGUA — Em agosto, o navio ianque "Anápolis" desembarca tropas que avançam até Managua sob o pretexto de "estabelecer a pacificação do país". Os fuzileiros ianques desembarcam mais tarde em Bluefield, Corinto e outros lugares. Travam uma batalha em Barranca. Finalmente, os norte-americanos ocupam militarmente o país, suscitando um forte movimento de defesa da independência nacional que sustenta prolongada luta armada. Os Estados Unidos permaneceram ocupando Nicaragua até 1925.

1913 — MEXICO — Em setem-

bro, um grupo de marinheiros ianques do navio de guerra "Bufalo" desembarca em Cíares Estero para "proteger cidadãos norte-americanos", segundo a alegação oficial.

1914 — HAITI — Em janeiro, fuzileiros navais ianques do South Caroline desembarcam em Port of Prince. Logo depois, novos desembarques procedem dos navios "Wheeling" e "Tacoma".

1914 — REPUBLICA DOMINICANA — Em junho e julho, o navio de guerra norte-americano "South Carolina" ancora em Puerto Plata, intervindo num conflito interno. O navio "Machias" dispara seus canhões contra a população local.

1914-1917 — MEXICO — Ocorre o chamado "incidente" do "Delphin", em Tampico. Os norte-americanos se apoderam do porto mexicano de Vera Cruz (21 de abril de 1914) e ali permanecem com 7.000 homens armados até novembro. Em março de 1916, tomando como pretexto a necessidade de perseguir "o bandido Pancho Villa", o general norte-americano Pershing lança contra o povo mexicano sua chamada "expedição punitiva", que penetrou 400 milhas em território mexicano. A luta armada, provocada pela brutal agressão dos Estados Unidos, prosseguiu até fevereiro de 1917. Os imperialistas ianques tinham, entre outros objetivos, garantir-se a posse das fontes de petróleo do México, das mais ricas do mundo.

1915-1934 — HAITI — Forças norte-americanas intervêm e ocupam militarmente essa República da América Central (julho de 1915). Permanecem ali durante 19 anos, até 1934. O pretexto inicial foi o mais desmoralizado: "impedir ataques a estabelecimentos estrangeiros durante lutas internas".

1916-1924 — REPUBLICA DOMINICANA — Grandes forças navais ianques desembarcam e ocupam o país, sofrendo embora muitas baixas devido à resistência popular. De 1916 a 1922 a República Dominicana é governada por interventores norte-americanos, que representam os interesses financeiros de Wall Street. Em 24 são retirados os fuzileiros, mas restando uma grande "guarda nativa" treinada pelos ianques.

1917-19 — CUBA — Desembarque de fuzileiros navais ian-

ques, que permanecem no país durante dois anos.

1918-19 — MEXICO — Depois da retirada da "expedição punitiva" do general Pershing, tropas ianques invadem o território mexicano 3 vezes no ano de 1918 e 6 vezes em 1919.

1919 — HONDURAS — O navio de guerra ianque "Cleveland" desembarca uma força em Puerto Cortés, em setembro, com o pretexto de "impedir desordens".

1919-20 — PANAMA' — Tropas ianques da Zona do Canal penetram na província de Chiriquí, de julho a agosto, para "supervisionar as eleições".

1920 — GUATEMALA — Em abril, os navios de guerra norte-americanos "Tacoma" e "Niagara" tomam a cidade de Guatemala.

1924-25 — HONDURAS — Desembarque de marinheiros norte-americanos em vários portos hondurenhos, em várias ocasiões nesse período.

1925 — PANAMA' — Tropas norte-americanas ocupam a cidade do Panamá, durante uma greve.

1926-33 — NICARAGUA — Depois de se terem retirado, os fuzileiros navais ianques regressam a Nicaragua, encontrando forte oposição nacional. Os Estados Unidos ocupam o país durante 7 anos. Com pequenos intervalos, os imperialistas americanos ocuparam Nicaragua durante 25 anos.

1934-1951 — Com a subida de Franklin Roosevelt ao poder, estabeleceu-se a chamada "política da boa vizinhança", que não passa de máscara da crescente penetração imperialista dos Estados Unidos nos países da América Latina. Nestes países, os magnatas de Wall Street mantêm seus domínios e privilégios em todos os terrenos: econômico, político, militar. Na prática, os países da América Latina estão reduzidos à condição de colônias do dólar. E' o que demonstra o servilismo dos representantes dos governos feudais-burgueses latino-americanos na ONU, acompanhando docilmente a política de guerra ditada pelos Estados Unidos. E' o que demonstram as imposições norte-americanas aos povos da América Latina através das chamadas "conferências inter-americanas", que não passam de trampolins para novos assaltos das hienas imperialistas de Washington, Nova York e Chicago. E' o que demonstra o odioso pacto de guerra conhecido como "Tratado do Rio de Janeiro".

O conhecimento dos fatos — que desmentem as palavras hipócritas da política de Truman e sua camarilha — deve servir para reforçar a luta sagrada pela independência de nossa pátria das garras do imperialismo ianque, objetivando um Brasil livre e próspero, que só poderá ser quando expulsarmos os gangster como Edward Miller, Johnson e seus lacaios do governo Vargas-João Neves.



CONTRA A PAZ E A SOBERANIA A CONFERÊNCIA DE WASHINGTON

— Os Ianques querem impôr aos governos títeres da América Latina medidas de hostilidade e provocação guerreira contra a U. R. S. S. e os países de Democracia Popular — A posição de Vargas: concessões aos latifundiários e capitalistas, em troca do sangue e da soberania de nosso povo —

A viagem do espião Miller ao Rio e as conferências que tem mantido com os membros do governo de Vargas, assim como as declarações oficiosas divulgadas na imprensa, põem a descoberto o plano do Departamento de Estado na próxima reunião dos chanceleres latino-americanos, em Washington.

MEDIDAS DE PROVOCACÃO E HOSTILIDADE CONTRA O CAMPO DA PAZ

Um despacho de Nova Iorque, por exemplo, publicado recentemente no "O Jornal" de Chateaubriand, informa que na Conferência os Estados Unidos "tratarão, mediante algum plano, de fechar as portas às exportações de todo o continente para a União Soviética ou os países dentro de sua órbita".

Delinela-se, assim, o caráter de provocação guerreira e incremento da dominação Ianque sobre os países da América Latina, que terá a Conferência de Washington.

Tentando liquidar de vez as relações comerciais dos países latino-americanos com a URSS, os países de democracia popular, a República Democrática Alemã e a República Popular da China, o governo Ianque dá novo passo na política de instigação de guerra, usando para isso os governos títeres do continente. A suspensão de relações econômicas entre países é um ato claro de hostilidade e beligerância e, neste caso concreto, contrário aos fundamen-

tais interesses dos povos latino-americanos e aos dispositivos da própria Carta da ONU.

Por outro lado, a suspensão das relações econômicas dos países latino-americanos com os países do campo da paz, representa a colonização mais intensiva de nossos países pelos trustes Ianques. Na realidade, os trustes e monopólios Ianques pretendem se constituir em intermediários dos países latino-americanos no mercado internacional, os únicos compradores de nossos produtos aos quais imporão mais drasticamente os preços que quiserem. Pretendem atrelar as economias dos países latino-americanos à economia de guerra e crise dos Estados Unidos, privando-as de relações econômicas com os únicos países cuja vida econômica se orienta no sentido da paz e que não conhecem crises.

CONCESSÕES AOS LATIFUNDIÁRIOS E CAPITALISTAS, EM TROCA DO SANGUE E DA SOBERANIA DO POVO

O mais grave de tudo isso é a atitude de completa submissão do governo de Vargas, notadamente a de seu chanceler

João Neves, em face das exigências Ianques. Getúlio declarou que a posição do Brasil, na Conferência de Washington, seria "fundamentalmente reivindicatória". Mas reivindicatória, como?

No sentido de ceder a todas as exigências norte-americanas em troca de pequenas concessões aos latifundiários e capitalistas brasileiros. Assim, como tem declarado a imprensa a propósito da presença do espião Miller no Rio, os delegados de Getúlio se dispõem a aceitar as medidas de guerra e colonização impostas pelos Estados Unidos — como a criação do exército inter-americano, nos moldes do exército agressivo da Europa Ocidental, sob a chefia de um general Ianque, a perseguição feroz aos comunistas e partidários da paz, a entrega de nossos minérios estratégicos e bases militares — em troca da manutenção em nível alto dos preços de café e outros produtos monopolizados pelos grandes fazendeiros e comerciantes.

A política de Getúlio na conferência de Washington será a da venda do sangue de nossa

Juventude e da soberania de nosso povo em troca de melhores lucros para os latifundiários e capitalistas.

DEFENDER A PAZ E A SOBERANIA NACIONAL

Aos patriotas cabe, por isso, impedir que o governo de Vargas participe desta conferência de guerra e colonização e submeta ainda mais o país aos dominadores Ianques.

Como fazê-lo? Denunciando às massas o caráter da Conferência, chamando-as a protestar contra a presença do Brasil na mesma.

Lutando com mais energia contra o envio de tropas brasileiras ou de gêneros e matérias primas para os agressores norte-americanos na Coréia.

Lutando contra a entrega de nossas bases aos invasores Ianques e exigindo a expulsão imediata dos que já ocupam parte de nosso território. Lutando pela imediata revogação do Tratado do Rio de Janeiro e pelo reatamento de relações diplomáticas e comerciais com a União Soviética e todos os países do campo da paz e da democracia.

Por Cr\$ 550.000,00 para a Voz Operária!

O QUE VISAMOS

É muito importante para o êxito de nossa campanha, leitor e amigo, estardes convencidos do objetivo da ajuda à VOZ OPERÁRIA. Assim podereis transmitir com entusiasmo o nosso pensamento sobre as necessidades que temos.

A que se destina a nossa campanha.

Primeiro, destina-se a cobrir a quota de quinhentos e cinquenta mil cruzeiros, a fim de atender despesas inadiáveis de papel, composição, impressão, pagamento de outros compromissos. Como se vê pelo formato, impressão, etc. a VOZ está sendo editada em outras oficinas gráficas e isso acarreta maiores despesas.

Segundo, destina-se a facilitar a saída regular da VOZ, estimular os Classops, agentes, correspondentes, aos responsáveis enfim pela divulgação a fim de que tomem iniciativas e criem métodos novos de trabalho, capazes de atender às novas condições pelas exigências do Manifesto de Agosto.

Terceiro, liquidar as incompreensões sobre o papel de nosso jornal como porta-voz das idéias da classe operária, da revolução que libertará nosso país da escravidão imperialista, da miséria e da fome impostas pelo regime feudal burguês. Liquidará as incompreensões sobre a necessidade do pagamento em dia do nosso jornal e organizará o movimento ajudista, através dos círculos de Amigos da VOZ, cujo fim é fazer a VOZ mais lida e cercada da solidariedade ativa, material e política, de milhares de operários, camponeses, todas as pessoas progressistas, todos os democratas e patriotas.

LANÇADA A CANDIDATA DOS PORTUÁRIOS

É a corporação dos portuários a primeira a tomar a iniciativa de lançar um desafio às demais corporações de trabalhadores no Concurso Para Rainha da VOZ OPERÁRIA.

Tendo à frente Manuel Jerônimo Dias, procurou-nos uma comissão da orla do cais que nos fez declarações nesse sentido.

— Compreendemos a necessidade de dotar a VOZ OPERÁRIA dos recursos indispensáveis à sua manutenção. A ajuda à VOZ é uma campanha

sagrada — disse-nos inicialmente Manuel Jerônimo.

E continuou:

— Sabemos que quando se trata dos jornais da imprensa popular não se trata de finan-



ça por finança. As coletas e outras iniciativas de ajuda à VOZ representam uma tarefa ampla, mas também uma tarefa política de luta pela paz. Por isso mesmo a importância da ajuda à imprensa que defende os interesses dos trabalhadores cresce cada vez mais.

A uma pergunta nossa sobre o nome da candidata dos portuários ao título de Rainha da VOZ OPERÁRIA, a primeira candidata lançada por uma corporação, disse-nos Manoel Jerônimo:

— Uíara dos Santos Silva. Uma forte candidata para um título honroso. É só o que posso dizer por hoje.

Tiro ao Alvo

Egydio Squeff

É triste, mas aconteceu. E aconteceu graças ao sr. Getúlio Vargas: — quarenta e oito horas depois do júbilo da chegada de Silvana Mangano, chegou o sr. Miller.

Em menos de trinta dias de governo os cariocas já tinham várias razões de queixa do sr. Vargas. Subiu a aveia, subiram os transportes, subiu a farinha de trigo, subiu o café, vão subir os cereais em geral — e só desceu, mesmo, o preço da cachaça, como se o sr. Getúlio Vargas pretendesse embriagar o povo para mais facilmente traí-lo.

E agora por cima temos o sr. Miller.

Vejam o olhar de dono da casa com que ele chegou, enquanto Silvana de-

sembarcava discreta e humilde na sua grande beleza. Depois de assinar o Apelo de Estocolmo ela viaja como representante dos generosos anseios de paz do povo italiano, ao passo que o sr. Miller, petulante e agressivo, chega ao Brasil como embaixador dos planos de guerra do sr. Truman.

Nós já suportamos o "graças a Dutra". Temos agora tudo isso graças a Getúlio.

Mas vejam também a diferença: — Silvana foi recebida pelo carinho do povo; Miller esgueirou-se como um criminoso.

O sr. Miller declarou em Nova York, antes de embarcar, que o preço-teto do café tinha sido fixado pelos

Estados Unidos depois de uma consulta ao governo do Brasil. Ontem isso foi desmentido. Mas será preciso dizer que o sr. Miller não veio aqui para tratar de café?

Veio, é claro, para informar aos nossos delegados à Conferência de Washington sobre o que eles devem dizer e fazer naquele conclave. Para evitar trabalho de última hora.

Os jornais divulgaram uma fotografia histórica, que no futuro será levada na devida conta. Foi o almoço no Itamarati, em que o sr. Miller está rodeado de Jaffert, Neves, Lafer, Danton, etc.

Nesse grupo de colaboradores só faltava Getúlio. Mas no outro dia ele apareceu, na própria sede do governo do Brasil, sorrindo para Miller.

Falando aos jornalistas antes de regressar, Miller declarou:

— Deixarei o Brasil satisfeito.

Satisfeito, ele, Miller. Por enquanto.

COMO FORMAR UM CÍRCULO DE AMIGOS

Que é um Círculo de Amigos da VOZ OPERÁRIA?

É um agrupamento de três ou mais pessoas, sem caráter formal ou disciplina estreita, com a função de ser o propagandista da VOZ.

Que deve fazer o Círculo de Amigos?

Ler o jornal, comunicar sua saída e transmitir seu conteúdo ao maior número possível de pessoas. Ajudar o Classop, agente, correspondente etc. indicando-lhes novos leitores. Fornecer aos correspondentes matéria para denúncias, reportagens, etc. Promover finança ajudista, permanente e extra, a fim de manter a VOZ e todos os seus serviços.

Como formar um Círculo de Amigos da VOZ OPERÁRIA?

São poucas as experiências nesse sentido. Uma porém muito positiva temos a transmitir.

Numerosos amigos da VOZ realizaram comandos seguidamente, vários domingos, em certo morro carioca. Em resultado desse trabalho perseverante, ficaram com um círculo afetivo de compradores naquele morro. Agora, em vez de subir ao morro um comando, basta que suba um vendedor da VOZ e leve o jornal porque no morro há entre os compradores efetivos quem o distribua.

Eis aí o embrião de um Círculo de Amigos. Basta que esse trabalho seja aproveitado com tal objetivo, pois que foram criadas condições para se constituir um Círculo à base de uma experiência de distribuição do jornal e estará ele fundado.

Continuaremos a falar sobre esse assunto no próximo número.